

# CAPÍTULO IV

## O EMPREENDER NA CONDIÇÃO BRASILEIRA

“Tudo é e não é...”

(Riobaldo em Grande sertão: veredas – J. Guimarães Rosa)

Uma constatação. Pelo menos até agora uma coisa ficou muito clara para nós, falar de empreendedorismo é falar de algo percebível e conhecível – os vários pensadores e seus vários “pensamentos” sobre, estão aí; as inúmeras pesquisas também estão aí e têm demonstrado os inúmeros “pensamentos” através de sua gama de informações com taxas, tipologias, até equações e etc. Falar do empreendedor porém, e principalmente, falar do empreender – da ação empreendedora em si – é falar de uma realidade um tanto quanto intuível ou até mesmo inabrangível, cheia de *curvas*, cheia de especificidades. São tantas as definições, tipologias e conceituações que, por mais que os *novos escolásticos* teimem em tudo ajustar por simples analogia, cada caso é e será um caso.

Agora, falar de empreendedorismo no Brasil, por exemplo, para muitos, basta pegar os resultados do GEM e daí, se o resultado foi “bom”, como no de 2000: “o empreendedorismo no Brasil vai muito bem obrigado. Somos os campeões mundiais!”. Quando o resultado foi “ruim”, como no último: “o empreendedorismo no Brasil vai mal. O problema é cultural. Precisamos mudar essa *indolência*, essa cultura de não planejar”. A culpa é da cultura, como se cultura fosse um *ente* meramente tático: um meio para se atingir um fim. Falam de “valores culturais” mas se “esquecem” dos *conselhos* de Max Weber. Falam de “visão, relações, rede” etc., mas se “esquecem” de praticar o *Weltanschauung* preconizado por Filion em seu “processo visionário” (muito difundido por aqui). Falam de inovação como se isso fosse o máximo mas não *especulam*, e não *recebem as novas massas de fatos não analisados de braços abertos* – especialmente fatos estatísticos – e, sendo assim, não praticam a “destruição criativa” em si mesmos, e se “esquecem”

também de Schumpeter: *não ousam e não inovam no pensar*. Se “esquecem” de Weber, de Filion e de Schumpeter além das *implications for policymakers* do GEM 2002 (por exemplo). Se “esquecem” de nossa história e de nossos valores nos impingindo a “inveja” de não termos sido colonizados por povos protestantes – num rasgado elogio a *Calabar*. Talvez o problema de nossos *novos escolásticos de plantão* não seja de memória, mas de entendimento sobre uma certa *brasilidade*.

O campo de atuação do Empreendedorismo é aquele que focado no empreendedor, normalmente através de pesquisas quantitativas/qualitativas e observações empíricas, examina as características e os métodos de suporte usados para facilitar a expressão da atividade empreendedora e, seus efeitos e impactos sociais e econômicos – conforme vimos *apud* Filion, além do suporte conceitual do GEM. Ou seja, o foco do empreendedorismo não é naquele que empreende mas, principalmente, *como?* aquele empreende. E isso, a partir de pesquisas – como o GEM, por exemplo –, é percebível e conhecível. E, como tal, essa “expressão da atividade empreendedora”, esse *comportamento*, pode ser repetível e treinável.

O popular jargão *como fazer?* assume ares extremamente “racionais” – *como empreender?* – e aqui, desse modo, indica a ruptura entre coisa e valor, entre epistemologia e ética, promovida pela Modernidade<sup>274</sup>. E o ganho de conhecimento passa a se constituir como uma busca a respostas para perguntas do tipo “como?”. E as respostas são cegas, ou no mínimo míopes, diante do estabelecimento de vínculos entre o saber científico – a teoria – e normas éticas de conduta. Elas, as respostas, são unicamente aptas para o estabelecimento de critérios sobre como algo se faz, e não sobre o que deve ou não ser feito. Passa a vigorar o pragmatismo – e aí, vale a pena tudo ajustar por simples analogia.

Já especular sobre o *empreender* é abordar o intuível, questionar o porquê do empreendedor. E essa especulação pode se apoiar em pesquisas, recebendo as novas massas de fatos não analisados de braços abertos, numa atitude conforme com a perspectiva humboldtiana de empenhar-se por *metamorfosear tanto mundo quanto possível na própria pessoa a partir de provocantes e livres inter-relações*. A pergunta *por que fazer?* indica a

---

<sup>274</sup> – BARTHOLO Jr., Roberto Santos, *OS LABIRINTOS DO SILÊNCIO – COSMOVISÃO E TECNOLOGIA NA MODERNIDADE*, Editora Marco Zero / COPPE-UFRJ, São Paulo, 1986.

convergência entre coisa e valor, entre epistemologia e ética. E o ganho de conhecimento deve ser comprometido com respostas que vinculem o saber científico – a teoria – a normas éticas de conduta<sup>275</sup>. Não cabem mais apenas as simples mensurações e cálculos, pragmatismos e previsões. E sendo assim, no nosso entendimento, a necessidade, como tal, passa a ter vez e voz no *por que empreender?*

Já caminhamos um bocado. Não sei se estamos no meio de nossa *travessia*. Só sei que não estamos nem no início, nem no final dela, ainda. Mas já vimos muita coisa, adentramos em muitas *veredas*. A sensação é a de que estamos no alto de um morro e à sombra de um buriti frondoso, ouvindo uma *sonata-de-um-gringo-doido*. É hora de *botar sentido* no já visto e no *por vir*, e *romper rumo*. Buscar outras *veredas*. Pensar esse imenso *brasil-sertões-gerais*. Concluir.

Antes porém, constatando mais uma vez (e, alertando!), falar de tudo isso aqui na terra de um Sérgio *Stanislaw Ponte Preta* Porto, que criou um emblemático samba-de-enrêdo *dodecafônico* – não na forma mas no seu *louco* “conteúdo” estórico *des-harmônico*; na terra de um *antropófago-moderno* como um Oswald de Andrade que teve a petulância de *traduzir* a clássica questão *shakespeareiana* por “tupi or not tupi”; e, sendo já *hora do real se dispor*: a incorporação mental desse mundo – *terra brasilis* – imediatamente a mim dado como experiência torna-se uma grande *empreita*, um grande e doloroso/saboroso esforço.

E nesse esforço, se queremos atingir nosso objetivo, temos de seguir o “conselho” de Weber/Morse: a nossa racionalidade é racional, também, mas é outra, às vezes até *a-racional*. Temos de olhar para o que somos a partir de quem somos (talvez esteja aí a grande “lição” de Filion: o primado do *Weltanschauung* em seu “processo visionário”). E nos *relacionar*.

Mas por qual rumo seguir nessa *travessia* modesta e pretensiosamente *empreendedológica* para compor nossos propósitos – o conhecimento do *particular*: a construção de uma *matriz teórica local* que referencie o *empreender* na condição brasileira, além do desafio de, a partir do empreendedorismo de necessidade ou melhor, do *empreender por necessidade* (este, já vislumbrado e comprovado pelo GEM) – , *articular universalidade e diferença*, e, dar rumo às coisas?

---

<sup>275</sup> – Ibid.

A bem da verdade, as “constatações primeiras” feitas a partir das *marias-da-glória*, da *turma dos itaobins*, dos *rafaels das rocinhas*, dos *geraldos dos tiradentes*, e dos *flanelinhas* do Professor Lessa, além do “case” dos *zês-pequenos* das *idades-de-deus*, no início de nossa *travessia*, já contornam uma solução para a questão colocada e nos dão algumas munições para pensar sobre, pois aqueles *empreendem*. E aqui, não nos interessa primordialmente o *como* eles empreendem. Isso, como já dito, é percebível, conhecível, repetível e treinável. E portanto passível de “melhorias comportamentais”, *adjetivas*. Mas sim, *por que empreendem?* Somente desde essa perspectiva temos acesso a respostas sobre o que deve ou não ocorrer para que se efetivem “melhorias substantivas”. E tais respostas não devem ser buscadas com olhos cartesianos e lineares pois aqueles que por aqui empreendem (e por necessidade principalmente), certamente não são *winners* e muito menos *losers*, são simplesmente *sobreviventes* e, principalmente, *forros*.

E após esse preâmbulo, se pretendemos circunscrever o empreender na condição brasileira, praticar uma “entreprenology” *tupiniquim*, antes de mais nada, o que é *brasilidade*? Eis a questão primeira e *rompedora*.

#### **IV.1: A BRASILIDADE A PARTIR DO ROSA**

João Guimarães Rosa, o grande artesão da palavra, soube como ninguém trabalhar, além dos estados líquido e sólido, a língua no estado *gasoso* e, ao mesmo tempo, um dos mais perspicazes interpretadores-investigadores dos matizes da alma humana brasileira em seus rincões mais profundos. Interpretou-a de forma radicalmente inovadora através de sua gente, sua luta e sua *lida*, suas coisas (principalmente o nome *daquelas coisas*), seus meios e sua inventividade. E, sem querer entrar numa “antropologia da literatura rosiana”<sup>276</sup>, certamente, ele muito nos ajudará nessa *empreita* e vai iluminar sobremaneira nossos caminhos.

“Visitar” Guimarães Rosa, é *interpretar* nosso interpretador – *interpreta-a-dor*. A dor/alegria de sermos periféricos, pobres/emergentes, subordinados/insubordinados, lucidamente enlouquecidos nos devaneios dessa jovem sociedade tropical.

---

<sup>276</sup> – Para um maior aprofundamento vide, dentre outros, *AUGUSTO MATRAGA E A HORA DA RENÚNCIA*, in DAMATTA, Roberto, *CARNAVAIS, MALANDROS E HERÓIS*, op. cit., pp: 305/334.

“A língua serve para expressar idéias” – disse ele a Günter Lorenz em famosa entrevista<sup>277</sup>. E a linguagem é um poderoso instrumento de ação na medida em que, ao expressar ideias pode atuar sobre os indivíduos, levando-os à reflexão. Mas como esse poder da linguagem, se enfraquece sempre que suas formas se acham desgastadas e condicionadas a uma visão de mundo específica, é preciso renová-las constantemente – “*somente renovando a língua é que se pode renovar o mundo*”, disse ele também a Lorenz.

Assim, ele abusou da exploração das potencialidades da linguagem, da face oculta do signo, ou para empregar as palavras do próprio, do

"ileso gume do vocábulo pouco visto e menos ainda ouvido, raramente usado, melhor fora se jamais usado." <sup>278</sup>

E, ao lado das pelo menos quinze línguas que conhecia e utilizava em seu processo de voltar à origem da língua, também abusava dos “erros” – como mais uma possibilidade de expressão – pois para ele,

“terá de ser agreste ou inculto o neologista, e ainda melhor se analfabeto for.”<sup>279</sup>

“O escritor deve ser um alquimista”, disse também a Günter Lorenz, e ele foi um alquimista. Com sua alquimia, ele reativou palavras que haviam perdido sua energia primitiva e adquirido sentidos fixos e associados a um contexto específico como “*sertão*”, por exemplo. Reviveu expressões que haviam se tornado vagas e enfraquecidas, encobertas com significações que escondiam seu viço originário.

E, esse ato de renovação se reveste de um sentido ético que ele mesmo explicita ao referir-se ao “*compromisso do coração*” que, conforme

---

<sup>277</sup> – LORENZ, Günter, *DIÁLOGO COM GUIMARÃES ROSA* in *JOÃO GUIMARÃES ROSA – FICÇÃO COMPLETA*, Volume I, op. cit., pp. 27/61. Trata-se de uma célebre entrevista realizada durante o “Congresso de Escritores Latino-Americanos”, em Gênova, Itália, em Janeiro de 1965.

<sup>278</sup> - ROSA, João Guimarães, *SAGARANA*, Ed. José Olympio, Rio de Janeiro, 1970, p. 238.

<sup>279</sup> – Trecho de carta a João Condé, in ROSA, Vilma Guimarães, *RELEMBRAMENTOS: JOÃO GUIMARÃES ROSA, MEU PAI*, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1983.

acreditava (novamente a entrevista com Günter Lorenz), todo escritor deve ter.

Quando ele afirma, por exemplo, através de Riobaldo em *Grande Sertão*, que “*toda ação principia mesmo é por uma palavra pensada. Palavra pegante, dada ou guardada, que vai rompendo rumo*”; assim, fornece ao leitor essa “palavra”, por meio das inovações que introduz, e, ao estimular sua reflexão, induzindo-o a pensar aquela *coisa diferente/esquisita*, faz dele um grande questionador, um *desbravador de caminhos*. Em se tratando de João Guimarães Rosa, temos que olhar as palavras com outros olhos. E as vezes até, nos *boquiabrir*.

Sua linguagem, então, é uma criação estética que funde elementos oriundos da experiência e da observação com outros inteiramente inventados no momento mesmo da expressão. Ela tem um componente regionalista, mas não constitui obviamente a reprodução fiel de nenhum dialeto específico falado no Brasil porém, ele aproveitava, principalmente, os elementos tradicionais das narrativas populares que *garimpava* em suas andanças sertão do Gerais anotando em seu famoso caderninho pendurado ao pescoço – não podia submeter-se à “*tiranía da gramática e do dicionário dos outros*”, como também confessou a Lorenz.

A isso, ele agregou contribuições quer provenientes de línguas estrangeiras (inclusive o latim e o grego clássico), quer de sua capacidade de inventar neologismos e construções totalmente novas<sup>280</sup>. E seu léxico enfim, é uma mistura de termos oriundos de fontes não só as mais diversas, como inclusive contraditórias, como arcaísmos e neologismos, regionalismos e estrangeirismos, coloquialismos e eruditismos.<sup>281</sup>

Para ele, ainda na entrevista com Günter Lorenz:

“a língua e eu somos um casal de amantes que juntos procriam apaixonadamente, mas a quem até hoje foi negada a bênção eclesiástica

---

<sup>280</sup> – *sagarana* por exemplo, é um composto de *saga*, de origem germânica – e que quer dizer conforme o nosso *aurélio*, “*história ou narrativa rica em incidentes*” – , e *ana*, aumentativo de origem tupi – e “*Sagarana*”, seu primeiro livro lançado, foi o que foi e é o que é.

<sup>281</sup> – MARTINS, Nilce Sant’ Anna, *O LÉXICO DE GUIMARÃES ROSA*, op. cit.

e científica. Entretanto, como sou sertanejo, a falta de tais formalidades não me preocupa.”<sup>282</sup>

Além de um pormenor: ele se dizia praticante de uma “*metafísica da língua*” e esse aspecto metafísico, como disse a Lorenz, “*faz com que minha linguagem antes de tudo seja minha*”.<sup>283</sup>

E para ele, no tocante ao seu peculiar “*artesanato*” literário, o que interessava era “*intuição, revelação e inspiração*”, ao invés das regras

---

<sup>282</sup> – Homem do sertão brasileiro, região marcada profundamente pelo mistério e o desconhecido, mas ao mesmo tempo dotado de enorme erudição, naquela entrevista com Lorenz ele dá um depoimento de sua condição sertaneja que “ilumina” bem a sua obra: “*nós, os homens do sertão, somos fabulistas por natureza, (...) desde pequenos, estamos constantemente escutando as narrativas multicoloridas dos velhos, os contos e lendas, e também nós criamos um mundo que às vezes pode se assemelhar a uma lenda cruel. Deste modo a gente se habitua, e narrar estórias corre por nossas veias e penetra em nosso corpo, em nossa alma, porque o sertão é a alma de seus homens. Assim não é de estranhar que a gente comece desde muito jovem. Deus meu! No sertão, o que pode uma pessoa fazer do seu tempo a não ser contar estórias? A única diferença é simplesmente que eu, em vez de contá-las, escrevia. Com isso pude impressionar, mas ainda sem perseguir ambições literárias. Já naquela época eu queria ser diferente dos demais, e eles não souberam deixar escritas suas estórias... Eu trazia sempre os ouvidos atentos, escutava tudo o que podia e comecei a transformar em lenda o ambiente que me rodeava, porque este, em sua essência, era e continua sendo uma lenda. Instintivamente, fiz então o que era justo, o mesmo que mais tarde eu faria deliberada e consciente: disse a mim mesmo que sobre o sertão não se podia fazer literatura do tipo corrente, mas apenas escrever lendas, contos, confissões*”. [In LORENZ, Günter, op. cit., p. 36]

<sup>283</sup> – É interessante assinalar que na obra “Grande Sertão: veredas” a narrativa inicia com um sinal matemático ( – ) o travessão que significa o *nada*, e termina com o sinal matemático de infinito ( ∞ ), ou o *tudo*. Ou seja, tudo tem razão de ser naquela obra. Um estilo todo próprio e altamente “metafísico” (aliás, é Riobaldo quem avisa, repetidamente: “*Tudo é e não é...*” – que remete para o *diálogo socrático* de Platão em “*Parmênides*” quando ele demonstra de forma conclusiva para seu interlocutor que “*se o um não é, nada é*”). E, para um maior aprofundamento no aspecto “metafísico” da obra de Rosa, dentre outros: ARAÚJO, Heloísa Vilhena, *O ROTEIRO DE DEUS*, Editora Mandarin, São Paulo, 1996.

preestabelecidas de “ordem, clareza e forma” e, “*meditação e aventura*” era o que bastava para escrever. Ele narrava alguma coisa como pretexto exclusivo para aplicar aquela forma *artesanal* de manuseio linguístico.<sup>284</sup>

Assim, ele procurava a maior “*possibilidade de expressão*”, e assim também, ele revolucionou a sintaxe como um todo que havia abandonado suas múltiplas possibilidades e se limitara a clichês e estereótipos. Utilizou-se de várias *técnicas alquímicas* e de vasto leque de recursos como: a ruptura da linearidade tradicional e das relações de causa e efeito na narrativa, que cedem lugar à simultaneidade e à planos múltiplos de descrição (vai e vem, subida e descida, volteios, à interpenetração até confusa dos níveis descritivos); valeu-se do *dissemina/recolhe* para chamar o leitor a participar da trama num abrir e fechar de olhos; de *rosáceas*; do emprego de técnicas híbridas e a fusão dos gêneros tradicionais, dentre outros, vários outros.

Incomodava-o sobremaneira, como disse a Lorenz, “*a servidão à sintaxe vulgar e rígida*” imposta pela “*gramática e a chamada filologia, ciência linguística, que foram inventadas pelos inimigos da poesia.*”

Na sua ficção ele inova e transcende o Regionalismo tradicional. O homem – pivô de seu universo ficcional – constitui o eixo motriz e a paisagem é vista através dele. Os personagens de Guimarães Rosa então são tipos que expressam a sua região ou a sociedade e, principalmente, a função que desempenham neste contexto através de seus atos dotados de uma ampla dimensão humana. Sua obra é também, ou até principalmente, o espaço existencial dos personagens, e a reconstituição pela narração, de uma região humana e universal em que a realidade é mostrada como algo múltiplo e em constante transformação/mutação. Daí, *viver é muito perigoso...*

---

<sup>284</sup> – As afirmações também constam na entrevista com Günter Lorenz mas, sua “rebeldia” é escancarada em carta a seu editor de “Sagarana”, João Condé: “*Rezei, de verdade, para que pudesse esquecer-me, por completo, de que algum dia já tivessem existido septos, limitações, tabiques, preconceitos, a respeito de normas, modas, tendências, escolas literárias, doutrinas, conceitos, atualidades e tradições – no tempo e no espaço. Isso porque: na panela do pobre tudo é tempero. E, conforme aquele sábio salmão grego do André Maurois: um rio sem margens é o ideal do peixe.*” In ROSA, Vilma Guimarães, *RELEMBRAMENTOS: JOÃO GUIMARÃES ROSA, MEU PAI*, op. cit.

Como um traço marcante em sua obra, Guimarães Rosa coloca em xeque a *tiranía do racionalismo* – para ele a "*megera cartesiana*"<sup>285</sup> – condenando sua supremacia sobre os demais níveis de realidade.

Entretanto, ele (talvez por *mineirice* ou por seu *viés* diplomático) não rejeita o racionalismo como uma entre outras possibilidades de apreensão da realidade, pelo contrário, todas as vezes que afirma algo passível de sugerir a adoção de uma visão quer mítica quer racionalista dos fatos, segue-se imediatamente uma contrapartida, e ambas as categorias *se inserem* no reino *das possibilidades*, apresentando-as em constante tensão em suas narrativas.

“Todos os meus livros são simples tentativas de rodear e devassar um pouquinho o mistério cósmico, esta coisa movente, impossível, perturbante, rebelde a qualquer lógica, que é a chamada realidade, que é a gente mesmo, o mundo, a vida. Antes o obscuro que o óbvio, que o frouxo. Toda lógica contém inevitável dose de mistificação. Toda mistificação contém boa dose de inevitável verdade.”<sup>286</sup>

O mito e a fantasia, bem como os demais níveis de realidade que transcendem a lógica racionalista, constituem parte integrante do complexo mental do homem do sertão e acham-se presentes na obra de Guimarães Rosa de formas as mais variadas: superstições e premonições, crença em

---

<sup>285</sup> - J. G. Rosa em carta ao seu tradutor italiano de CORPO DE BAILE, Edoardo Bizzarri, declara que seus livros são, em essência, "antiintelectuais" e "defendem o altíssimo *primado da intuição, da revelação, da inspiração, sobre o bruxulear presunçoso da inteligência reflexiva, da razão, a megera cartesiana*." (grifo nosso), in BIZZARRI, Edoardo, *J. GUIMARÃES ROSA / CORRESPONDÊNCIA COM O TRADUTOR ITALIANO*, Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, São Paulo, 1972, p. 17. E o termo, inspira e toma o título de um ensaio em, ARROYO, Leonardo, *A CULTURA POPULAR EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS*, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1984, pp. 4/28.

<sup>286</sup> - In MEYER-CLASON, Curt, *JOÃO GUIMARÃES ROSA E A LÍNGUA ALEMÃ*, Editora Globo, Porto Alegre, 1969, pp: 107/108. [Esse autor foi tradutor de suas obras para o alemão e, segundo Rosa em depoimento à Günter Lorenz, foi "o melhor tradutor que conheci". O trecho citado diz respeito a uma carta de Rosa para Curt Meyer]

aparições, devoção a curandeiros e videntes, misticismo e temor religioso, como o temor ao diabo, certa admiração pelo mistério e o desconhecido. E o questionamento da “megera cartesiana”, de forma significativa, se expressa, dentre as várias e inusitadas formas, pela simpatia que devotava a todos aqueles que, não encarando a vida por uma ótica predominantemente cartesiana, surgem como *marginalizados* na esfera do “senso comum”. É o caso de loucos, cegos, doentes em geral, criminosos, feiticeiros, artistas populares, crianças e velhos. E a estes, se acrescentam também outros dominados por estados de *desrazão* passageiros, como a embriaguez ou a paixão, além de animais e bichos dotados de extrema *humanidade*<sup>287</sup>.

”Não só o foco narrativo recai diversas vezes sobre eles, construindo-se o relato a partir de sua perspectiva, como é deles que emana a 'poiesis' a iluminar as veredas narrativas. Lúcidos em sua loucura, ou sensatos em sua aparente insensatez, os tipos marginalizados que povoam o sertão rosiano põem por terra as dicotomias do racionalismo, afirmando-se nas suas diferenças. E, ao erigir este universo, em que **a fala dos desfavorecidos** se faz também ouvir, Rosa efetua verdadeira desconstrução do discurso hegemônico da lógica ocidental, e se lança na busca de terceiras possibilidades”.<sup>288</sup>

A constante busca de outras possibilidades – de *terceiras, quartas, quintas*, ... –, de “**se virar**”. Nada mais empreendedor, nada mais contemporâneo, nada mais Brasil. Aliás, naquela entrevista com Günter

---

<sup>287</sup> – Por exemplo, no conto “Conversa de Bois” ele narra, de forma *parabólica*, a inusitada prosa de bois de carro na lida ao levar uma carga de rapadura e o corpo de um defunto. E boi Brilhante – “*junta de contra-coice, lado direito*” –, para entreter o grupo, além de comandar um debate “metafísico” sobre o *bicho-homem*, relata a estória do boi Rodopião: **um boi cartesiano** que após bolar um “método” baseado na lógica racional para pastar capim mais verde e fresco, sobe um morro seguindo suas “coordenadas” e rola ribanceira abaixo virando pasto de urubu – “*uns e muitos...*”. In ROSA, João Guimarães, *CONVERSA DE BOIS*, in *SAGARANA*, op. cit., pp: 301/338. Ou no emblemático conto “Burrinho Pedrês” em que o burrico “Sete-de-Ouros” é *fio-condutor* de toda a trama genial sugerida por um acontecimento real. [pp: 15/79]

<sup>288</sup> – COUTINHO, Eduardo F., op. cit., p. 20.

Lorenz, ao ser questionado para explicar o que é “brasilidade”<sup>289</sup>, Rosa, após muito *volteio* e ataques à “*lógica professoral que só enxerga baboseira nesse termo*”, afirma que: “*para entender a 'brasilidade' é importante antes de tudo aprender a reconhecer que a sabedoria é algo distinto da lógica.*”<sup>290</sup>

Eis o *mote* que procurávamos.

Nessa breve e inspiradora *visita* a João Guimarães Rosa alguns pontos importantes gostaríamos de ressaltar. O primeiro é afirmar que ele praticou o mais puro e fino empreendedorismo com sua ousadia e sua compulsão radical pela inovação que resultou numa verdadeira revolução empreendida na linguagem ficcional brasileira.

Apesar da complexidade de sua obra, o sucesso de Guimarães Rosa não se restringe ao contexto intelectual. Prova disto, a grande quantidade de edições que se sucedem de seus livros e o número expressivo de traduções que povoam cada vez mais o mercado internacional. E prova também a série de leituras e interpretações de sua obra nas mais diversas linguagens como a teatral, a televisiva e a cinematográfica.

De certo modo, assim ele *criou e distribuiu riqueza* conforme preconiza a perspectiva econômica exposta anteriormente. E, certamente ele não *visava* o lucro, escrevia porque escrevia, *se virava*: criava. Havia uma certa e forte “necessidade de realização” em seu produzir. E seu *empreender*, fortemente motivado pela *necessidade* e jamais por uma mera busca de oportunidades<sup>291</sup>, nos remete, sobremaneira, à “destruição criativa” *schumpeteriana*. Ele foi um grande empreendedor *das letras*.

---

<sup>289</sup> – Günter Lorenz é um escritor, ensaísta, crítico literário, mas principalmente, é um alemão especialista em literatura brasileira e a pergunta dele a Rosa é muito clara: “*Agora uma coisa muito concreta, sobre a qual ainda não falamos e que é muito importante para toda a literatura brasileira e, portanto, também para sua obra. Estou me referindo à chamada 'brasilidade'. Desde que me ocupo de literatura brasileira, já tentei várias vezes esclarecer esse conceito.*”.[in LORENZ, Günter, op. cit., p. 54]

<sup>290</sup> – LORENZ, Günter, op. cit., p. 57. [grifos nosso]

<sup>291</sup> – A tal entrevista com Günter Lorenz, já citada, descortina muito bem esse fato. Mas, ressaltamos, sua “necessidade de realização” – *achieving*, como concebeu David McClelland – como aludimos, tinha os pés em *terra brasilis*, aliás, num *sertão*.

De sua vasta obra, ressaltamos alguns pontos, algumas passagens. O primeiro, o emblemático episódio do pacto com o ... (*sei-lá-o-nome*) de Riobaldo em “Grande Sertões: veredas” – por amor a Diadorim e pelo ódio a Hermógenes – em que a figura mítica não aparece como entidade concreta, mas sua presença é insinuada a cada instante<sup>292</sup>. Nas *Veredas Mortas*, Riobaldo *surge*: nasce para uma nova maneira de viver – para a liberdade: “*Fui cativo para ser solto?*”. E, após esse episódio *fáustico*, em que ele *recebe*, também, uma nova maneira de pensar – *sapientia*<sup>293</sup> –, ocorre uma evidente compensação psicológica para Riobaldo manifestada por uma alta confiança em si mesmo e, dentre outros fatos, ele passa a ser o chefe do bando de jagunços – “*O Demo então era eu mesmo?*”.

Outro, ainda em *Grande sertão*, quando a uma certa altura do diálogo *proseado* que marca toda aquela trama magistral, na varanda de sua casa com um interlocutor (que, muitos afirmam ser o “próprio” Guimarães Rosa), Riobaldo nos diz que:

“Sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado!”.<sup>294</sup>

Mas, no *sentido rosiano*, o que é o *sertão*, quais são as *astúcias* e como *vir armado*?

Ainda outro, marcado pelo conto, “A Terceira Margem do Rio”<sup>295</sup>, quando um homem, “*cumpridor, ordeiro e positivo*”, e aparentemente bem

---

<sup>292</sup> – De acordo com o famoso dito de Charles Baudelaire: “a mais bela manha do Diabo é persuadir-nos que não existe”, Riobaldo nos diz o seguinte: “*Deus existe mesmo quando não há.. Mas o demônio não precisa existir para haver – a gente sabendo que ele não existe, aí é que ele toma conta de tudo.*” [in ROSA, João Guimarães, *GRANDES SERTÕES: VEREDAS*, op. cit., p.61]

<sup>293</sup> – É o próprio Riobaldo que nos diz: “*E, o que eu fazia, era que eu pensava sem querer, o pensar das novidades. Tudo agora reluzia com clareza, ocupando minhas ideias, e de tantas coisas passadas diversas eu inventava lembrança, de fatos esquecidos em muito remoto, neles eu topava outra razão: sem nem que fosse por minha própria vontade. Até eu não puxava por isso, e pensava o qual, assim mesmo, quase sem esbarrar, o tempo todo.*” In ROSA, João Guimarães, *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*, op. cit., p. 321.

<sup>294</sup> – ROSA, João Guimarães, *GRANDES SERTÕES: VEREDAS*, op. cit., p.237. [grifos nosso]

integrado em sua pequena comunidade, abandona subitamente tudo e confina-se a uma canoa, passando a viver, para sempre, em movimento de ir e vir, no leito de um rio, talvez, em busca de outras possibilidades, talvez, de uma *terceira-margem*.

Tais pontos, de uma criatividade extremamente inspiradora, servirão para os nossos propósitos à frente, quando, ao final de nossa *travessia* – num “inventar para sugerir” –, serão retomados onde, numa “*brincadeira séria*”, proporemos um “pacto” como *terceira-margem-de-rio*, na tentativa de responder às questões colocadas anteriormente a partir do dito de Riobaldo

Mas, a “nova” *condição-de-contorno* implícita em sua vasta obra de que, repetimos, “*para entender a ‘brasilidade’ é importante antes de tudo aprender a reconhecer que a sabedoria é algo distinto da lógica*” é, simplesmente, magistral. E, certamente, vai iluminar nossas reflexões a seguir, sobre uma certa *condição brasileira* pois Rosa, ao “inventar” uma *brasilidade*, “entendeu-a” como poucos.

Guimarães Rosa, com sua *sabedoria*, enfim, nos convida a olhar o Brasil com olhos *não cartesianos* e a nos despir de preconceitos. Por isso, antes de mais nada, vamos começar a decodificar *nossas raízes* e perceber até que ponto o racionalismo ocidental – a “megera cartesiana” – tem a ver com as interpretações reinantes.

## **IV.2: A MEGERA CARTESIANA E A INTERPRETAÇÃO DO BRASIL: O OLHAR SOBRE A BRASILIDADE**

Muitos de nossos pensadores, da mais alta importância, dedicados a interpretar o Brasil na sua especificidade, foram influenciados por Max Weber e sua “sociologia compreensiva”<sup>296</sup> – que, em suma, procura a interpretação das ações individuais a partir do sentido dado pelo agente – como fonte inspiradora para a própria autocompreensão do Brasil. E ele foi convocado pela literatura *predominantemente* para explicar o atraso da sociedade brasileira e, nesse sentido, para ajudar a identificar os obstáculos

---

<sup>295</sup> - ROSA, João Guimarães, *PRIMEIRAS ESTÓRIAS*, Ed. José Olympio, Rio de Janeiro, 1978, pp. 27/38.

<sup>296</sup> – Para um maior aprofundamento: WEBER, Max, *ECONOMIA E SOCIEDADE*, op. cit.

que nos impediram de ser modernos na medida em que se tem limitado a irradiação de sua influência a uma “sociologia da modernização”.<sup>297</sup>

Sendo assim, essa interpretação dominante dos brasileiros sobre si mesmos, pode ser denominada também, como fez Jessé Souza, de “sociologia da inautenticidade”, em que a ideia de um Brasil modernizado *p’rá inglês-ver*, uma modernização superficial, epidérmica e “de fachada”, ganha corpo. Nessa “sociologia”, o Brasil é personalista, pré-moderno, ibérico e patrimonial. A partir dela nos vemos como o “outro” da modernidade. E essa tem sido a nossa “sociologia oficial”.<sup>298</sup>

E isso nos leva a pensar que todo fruto de nosso trabalho ou de nossa *preguiça* – uma das principais *marcas* de nosso “atraso”, para muitos –, parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem. Esse é o ponto.

O que a gente percebe, é que realmente a “megera cartesiana” é o grande pano de fundo de toda a discussão acerca de nossa contemporaneidade e, principalmente, de nossas diferenças. A *chave* analítica para uma melhor compreensão desse fato nos foi dada por Weber, como vimos, e passava pela esfera religiosa.

Mas, de suma importância, é a ambiguidade weberiana em relação ao lugar do racionalismo ocidental. Ela marcará nossos interpretadores pois Weber não se refere apenas à significação cultural desse racionalismo, mas também àquilo que acarreta conseqüências em larga escala à exemplaridade do Ocidente protestante em relação às outras culturas mundiais.

Mesmo embora Weber trate o tema do racionalismo e os conceitos de racionalidade e racionalização em um contexto de neutralidade valorativa, o que significa que, em princípio, não existe um racionalismo superior a outros e, portanto, nenhuma cultura pode constituir-se como modelo absoluto para todas as outras, como já vimos. Weber fica a meio caminho entre considerar o racionalismo ocidental como um entre outros de igual valor, ou como “superior” ao de outras culturas.<sup>299</sup>

---

<sup>297</sup> – VIANNA, Luiz Werneck, *WEBER E A INTERPRETAÇÃO DO BRASIL*, in SOUZA, Jessé (Org.), *O MALANDRO E O PROTESTANTE. A TESE WEBERIANA E A SINGULARIDADE CULTURAL BRASILEIRA*, op. cit., pp: 173/193.

<sup>298</sup> – SOUZA, Jessé, *A MODERNIZAÇÃO SELETIVA – UMA REINTERPRETAÇÃO DO DILEMA BRASILEIRO*, Editora Universidade de Brasília, Brasília, 2000.

<sup>299</sup> – SOUZA, Jessé, *A ÉTICA PROTESTANTE E A IDEOLOGIA DO ATRASO BRASILEIRO*, op. cit.

E, se existe um “projeto cultural do protestantismo ascético” – que para os mais variados, e importantes, pensadores brasileiros a busca da singularidade nacional sempre esteve atrelada a uma *adesão acrítica* a tal “projeto” –, assim, os Estados Unidos e suas instituições – como a mais bem-sucedida realização desse projeto – seriam sempre vistos como a pura positividade em contraste com a tradição ibérica, a qual seria vista como a negatividade pura. E nisso se perderia o fundamental, ou seja, a noção de ambiguidade cultural entendida como a necessidade de se fazer um balanço de perdas e ganhos em qualquer escolha cultural.

“A literatura em questão pressupõe a aceitação, sem restrições, do diagnóstico weberiano acerca do desenvolvimento ocidental. Assim, o que é atrasado ou avançado ou, em outras palavras, o que é tradicional ou moderno está implícito nas análises como referência absoluta. O que é perdido nesse processo é a dimensão real da noção de ambiguidade cultural. Tal noção, fundamental para a ciência da cultura, apreende qualquer escolha cultural contingente como envolvendo, simultaneamente, perdas e danos.”<sup>300</sup>

Parece-nos, portanto, e como já enfatizado anteriormente, mais consistente considerar que as reflexões de Max Weber, concentradas na especificidade do racionalismo ocidental, adequam-se melhor à necessidade de compreender o momento contemporâneo. Por isso que, no nosso entendimento, o protestantismo deveria ser visto *apenas* como um entre outros caminhos dentro da herança ocidental, a qual produziu a moralidade individual na passagem da ética da convicção – típica de sociedades tradicionais legitimadas religiosamente segundo uma moral substantiva – para a ética da responsabilidade, ética essa que pressupõe contexto secularizado e subjetivação da problemática moral. Simplesmente isso.

Mas, de modo geral, pode-se dizer que essa relação, entre Ocidente x Ibero-América, se converte em uma tensão constante no pensamento brasileiro sob a forma de uma verdadeira *saia-justa* que se manifesta basicamente em dois pontos: na crítica ao caráter imitativo da cultura brasileira e na deficiência de nossas instituições jurídico-políticas.

---

<sup>300</sup> – Ibid., p. 18.

E ainda, e de forma recorrente: o sentimento de desterro; o sentido predatório da colonização portuguesa; o desprezo pelo trabalho/ocupação e a valorização do ócio; a adoção acrítica de idéias estrangeiras; o bacharelismo e a cultura ornamental; o autoritarismo; a democracia como equívoco; os apelos à ética na política e à construção de uma verdadeira cidadania; a confusão entre as esferas pública e privada; a mudança pelo alto e a modernização sem modernidade, são algumas das tantas maneiras pelas quais se expressam os sentimentos de inadequação e artificialismo da vida política e cultural do país, e que levaram, e ainda levam, a que o tema da identidade nacional seja um dos principais itens da pauta do pensamento brasileiro.

A rigor trata-se de uma maneira de pensar que conduz sempre a analisar o país pelo contraste com a modernidade ocidental, seja para vê-lo diminuído em relação a ela, seja para considerá-lo dotado de potencialidades que o permitiriam superá-la em suas dificuldades. Esse tipo de comparação faz parte de um quadro mais amplo que permeia o pensamento brasileiro desde o século XIX e permanece presente ainda hoje. Primeiro com os sentimentos antilusitanos do pós-Independência. Depois serviu ao Romantismo na tarefa de buscar o Brasil verdadeiro no indigenismo – vide o caso, emblemático, do “nobre” *Peri* de José de Alencar. Em seguida a geração de 1870 que, motivada pela adoção de teorias raciais, nos condenava, como país mestiço e tropical, a um futuro inglório. Depois vem o Modernismo que inverte a equação: passa-se da vergonha ao orgulho de sermos o que somos – aí, por exemplo, “Macunaíma” de Mário de Andrade, mesmo “sem caráter”, passa à condição de herói, além da utopia de “Pindorama” de Oswald de Andrade que passa a ser nosso *lugar* desejado. E vem também o Regionalismo – com Graciliano Ramos, Raquel de Queirós, José Lins do Rego, Jorge Amado, dentre outros, e, “subvertendo” as normas, João Guimarães Rosa. A partir da década de 30, os “intérpretes do Brasil”, que viriam a se tornar clássicos<sup>301</sup>, conferem um *status* científico ao debate, mas, no fundo no fundo, para alguns, permanece a atração pelas “luzes” da civilização

---

<sup>301</sup> – Sérgio Buarque de Holanda, Viana Moog, Raymundo Faoro, Caio Prado Jr., Gilberto Freyre, Darcy Ribeiro, Roberto DaMatta, dentre outros.

européia, cujos padrões eram modelo a ser atingido.<sup>302</sup> E, depois, e em suma, a comparação se volta para os Estados Unidos, de formas até obcecada. E, mais recentemente, às “teorias desenvolvimentistas” – fato esse inclusive, enfatizado em nosso capítulo inicial *apud* Roberto Bartholo.

De forma geral, como disse Antônio Cândido, toda nossa vida intelectual

“se rege pela dialética do localismo e do cosmopolitismo, manifestada pelos modos mais diversos. Ora a afirmação premeditada e por vezes violenta do nacionalismo literário, com veleidades de criar até uma língua diversa; ora o declarado conformismo, a imitação consciente dos padrões europeus. Isto se dá no plano dos programas, porque no plano psicológico profundo, que rege com maior eficácia a produção das obras, vemos quase sempre um âmbito menor de oscilação, definindo afastamento mais reduzido entre os dois extremos.”<sup>303</sup>

De certa forma, poderíamos dizer que essa “variação” em nossa produção intelectual – não só no campo da literatura<sup>304</sup> –, baseada na oscilação constante entre “localismo e cosmopolitismo”, é também a procura incessante (e até interessante) por uma identidade, ou seja, por alguma coisa que nos singularize perante ao “mundo” (e inclusive a *nós mesmo*).

Para os nossos propósitos então, vamos somar à *brasilidade* emanada da obra de Guimarães Rosa ao percorrer os caminhos interpretativos de dois pensadores que, embora se utilizem do “artesanato” *weberiano* para suas

---

<sup>302</sup> – Para um maior aprofundamento: CIVALE, Leonardo, *O AVESSO DO DOUTOR PROGRESSO – TRADIÇÃO, MODERNIDADE E “RAÍZES DO BRASIL”*, Tese de Mestrado, COPPE/UFRJ, Março de 1995.

<sup>303</sup> – CÂNDIDO, Antônio, *LITERATURA E SOCIEDADE*, Companhia e Editora Nacional, São Paulo, 1985, p. 109. É interessante assinalar aqui o sugestivo título escolhido por Antônio Cândido que nos remete sobremaneira à grande obra que *funda* a “sociologia compreensiva” de Max Weber: “Economia e Sociedade”.

<sup>304</sup> – Estamos colocando num mesmo plano tanto a criação literária propriamente dita, como a criação de textos em ciências sociais, na medida em que ambas se reportam a uma imaginação sem fronteiras– tratam de “ficção”. Embora, que fique claro, as ciências sociais têm um compromisso com uma prática e com conceitos, a literatura não.

análises, localizam-se, de certa forma, em pólos opostos (ou no mínimo, em pólos diferentes): Sérgio Buarque de Holanda – que analisa, de forma singular e sofisticada, a cultura brasileira em comparação com o Ocidente – e Clodomir Viana Moog – que também analisa a cultura brasileira mas, em clara oposição ao Ocidente protestante (e, especificamente aos EUA). E, para complementar traremos também um outro pensador que, embora estrangeiro, teve (e tem) fortes laços acadêmicos e de amizade por aqui, e que trará suas considerações para ilustrar nossas reflexões sobre ibero-américa e anglo-américa, Richard Morse. Todos esses trazem, de uma forma ou de outra, Max Weber como referência.

A esse olhar “formal” de nossos *intérpretes*, acrescentaremos um outro “olhar”, mais “informal”, a partir de relatos de alguns viajantes que por aqui estiveram e andaram. E em todos esse *olhares*, fica evidente a influência da *megera cartesiana* a provocar “desvios”. Tais relatos, acrescidos da visão daquela “sociologia oficial” mais a *falta de lógica rosiana*, nos ajudarão “entender” a *brasilidade* e a conformar uma certa “condição brasileira” – um certo *como somos vistos* – na medida que trarão valores que compõem a nossa sociedade e principalmente aqueles que afetam ao nosso empreender.

Feito isso, adiantamos que os *olhares* “informais”, que seguirão mais a frente, não devem nada a alguns comentários que vemos hoje no dia-a-dia. E eles servem para ilustrar como nós “outros” – *nosotros!* – fomos (e somos) observados (*por lá e por cá*, ainda hoje).

#### **IV.2.1: Sérgio Buarque e as nossas raízes ibéricas**

Sérgio Buarque de Holanda, tido com toda justiça como um dos maiores pensadores brasileiros, é um caso típico daquele seguidor de Max Weber e sua “sociologia compreensiva” devidamente adaptada a *terra brasilis*.

O ponto zero da constituição da sociedade brasileira para ele é marcado pela circunstância de termos recebido nossa herança europeia de uma nação ibérica: Portugal. E em seu “Raízes do Brasil”, nossa tradição cultural, de matriz ibérica, é contraposta à herança nórdica protestante e o “personalismo” – ou melhor, a cultura da personalidade – o traço mais característico e decisivo da cultura ibérica que se implantou entre nós. Nesse livro, Sérgio Buarque introduz um eixo temático que a partir de então irá se

tornar dominante no pensamento social local: a mentalidade vigente mostra-se avessa ao associativismo racional típico dos países protestantes, especialmente dos calvinistas, em função desse *personalismo* que impedirá a solidariedade, formas de organização e de ordenação *horizontais* no nosso país (tanto ontem como hoje). E nossa tradição cultural seria “individualista-amoral” e incapaz de superar o imediatismo emocional que caracteriza as relações sociais dos grupos primários como a família.

“Com efeito, onde quer que se prospere e assente em bases muito sólidas a idéia de família – e principalmente onde predomina a família de tipo patriarcal – tende a ser precária e a lutar contra fortes restrições a formação e evolução da sociedade segundo conceitos atuais. A crise de adaptação dos indivíduos ao mecanismo social é assim, especialmente sensível no nosso tempo devido ao decisivo triunfo de certas virtudes antifamiliares por excelência, como o são, sem dúvida, aquelas que repousam no espírito de iniciativa pessoal e na concorrência entre cidadãos.”<sup>305</sup>

Em suma,

“Uma vez que as instituições modernas mais importantes, como o Estado e o Mercado, teriam como pressupostos a superação do horizonte da solidariedade familiar, aí estaria a causa de nosso descompasso político e econômico. A falta de um vínculo associativo horizontal, que possibilite as constelações de interesses de longo prazo, passa a ser percebida como a causa fundamental do nosso atraso de então.”<sup>306</sup>

Entretanto, para Sérgio Buarque, o personalismo ibérico possuiria, ao mesmo tempo, um caráter anti-tradicional e até “democrático”. E isso seria visível no componente meritocrático do pensamento ibérico sobrepondo-se à ideia de privilégios herdados.

---

<sup>305</sup> – HOLANDA, Sérgio Buarque de, *RAÍZES DO BRASIL*, op. cit., pp: 103/104.

<sup>306</sup> – SOUZA, Jessé, *A ÉTICA PROTESTANTE E A IDEOLOGIA DO ATRASO BRASILEIRO*, op. cit., p. 33.

Para ele,

“Nesse ponto, ao menos elas (as nações ibéricas) podem considerar-se legítimas pioneiras da mentalidade moderna. Toda gente sabe que nunca chegou a ser rigorosa ou impermeável a nobreza lusitana.”<sup>307</sup>

Pois afinal,

“A verdadeira, a autêntica nobreza já não precisa transcender ao indivíduo; há de se depender das suas forças e capacidades, **pois mais vale a eminência própria do que a herdada.**”<sup>308</sup>

A ética personalista seria, desse modo, intrinsecamente fidalga e aristocrática – *“não de vilões”* – e compartilhada igualmente tanto por nobres como por plebeus – a *“presunção de fidalguia”*.<sup>309</sup>

E, para os nossos propósitos, esse assunto – a “raiz” de nossa ideia de meritocracia dando condições por aqui para uma “atualização peculiar” do individualismo brasileiro – é de suma importância pois,

“O mérito pessoal, quando fundado em tais virtudes, teve sempre importância ponderável. (...)”

Efetivamente, as teorias negadoras do livre arbítrio foram sempre encaradas com desconfiança e antipatia pelos espanhóis e portugueses. Nunca eles se sentiram à vontade em um mundo onde o mérito e a responsabilidade individuais não encontrassem pleno reconhecimento.

---

<sup>307</sup> – HOLANDA, Sérgio Buarque de, RAÍZES DO BRASIL, op. cit., p. 7.

<sup>308</sup> – Ibid., p. 9. [grifos nosso]

<sup>309</sup> – Sérgio Buarque ressalta o caráter “democrático” da sociedade portuguesa de então, afirmando que: “Na era dos grandes descobrimentos marítimos, Gil Vicente podia notar como a nítida separação das classes sociais que prevalecia em outros países, era quase inexistente entre seus conterrâneos: ‘...em Frandres e Alemanha, em toda França e Veneza, que vivem per siso e manha, por não viver em tristeza, não he como nesta terra; porque o filho do lavrador casa lá com lavradora, e nunca sobem mais nada; (...) isto per lei ordenada.’ ” In HOLANDA, Sérgio Buarque de, RAÍZES DO BRASIL, op. cit., p. 7.

Foi essa mentalidade, justamente, que se tornou o maior óbice, entre eles (os povos ibéricos), ao espírito de organização espontânea, tão característica dos povos protestantes, e sobretudo de calvinistas. Porque, na verdade, as doutrinas que apregoam o livre arbítrio e a responsabilidade pessoal são tudo, menos favorecedoras da associação entre os homens.”<sup>310</sup>

Resumindo, para Sérgio Buarque, foi essa mentalidade do reconhecimento social pelo mérito e responsabilidade individual que se tornou o maior impedimento para a constituição de um espírito de auto-organização horizontal (entre iguais, portanto) e espontânea tão próprio dos calvinistas.

Essa associação de ideias soa no mínimo estranha. Como vimos anteriormente a partir de Max Weber, foi precisamente o *protestantismo ascético* que contribuiu mais decisivamente para a *criação e consolidação das ideias e dos valores de responsabilidade pessoal e mérito diferencial baseados no desempenho*. Deve haver alguma razão para isso, Sérgio Buarque não estava enganado.

Jessé Souza<sup>311</sup> nos aponta que para Sérgio Buarque, dada a perspectiva real de mobilidade social na sociedade portuguesa – uma vez que a burguesia mercantil ascendente não teve a necessidade de constituir e defender valores específicos à consciência burguesa pela sua incapacidade de criar valores próprios –, houve, desse modo, antes uma assimilação dos valores tradicionais do personalismo aristocrático que se transformou, dessa maneira, em código valorativo da sociedade portuguesa como um todo.

Assim,

“Buarque refere-se aqui, certamente, a um outro contexto de ideias. Personalismo, no sentido utilizado por ele, vincula responsabilidade individual e respeito ao mérito individual **enquanto aspectos subordinados à própria personalidade**. Os fins e os objetivos perseguidos por essa personalidade fidalga jamais são **extrapessoais ou impessoais**, o que implicaria desse modo, submissão a objetivos

---

<sup>310</sup> – HOLANDA, Sérgio Buarque de, *RAÍZES DO BRASIL*, op. cit., p. 9. [grifo nosso]

<sup>311</sup> – SOUZA, Jessé, *A MODERNIZAÇÃO SELETIVA – UMA REINTERPRETAÇÃO DO DILEMA BRASILEIRO*, op. cit.

exteriores, quer seja de natureza religiosa quer seja mundanos. O alfa e o ômega da idéia de personalismo em Sérgio Buarque aponta, portanto, para uma constelação de interesses e valores que encontram no próprio indivíduo sua razão de ser e seu norte.”<sup>312</sup>

Eis aqui portanto uma das “peculiaridades” do nosso individualismo. Daí então, a fragilidade relativa das relações sociais baseadas em interesses racionais em uma sociedade personalista eivada de sentimentos e afetos cujo núcleo é a família. Como decorrência, tem-se a ausência da perspectiva dos acordos e compromissos entre iguais – e aí, a instituição mercado, que vive da impessoalidade e da distância afetiva de modo a permitir a eficácia específica do mecanismo da concorrência, também é “invadida” por esse *personalismo*<sup>313</sup>.

E, em assim sendo, os caminhos abertos e propostos são os do mando e da obediência irrestrita a partir de vínculos verticais de hierarquia – o princípio unificador representado pelos governos, como um

“tipo de organização política artificialmente mantida por uma força exterior, que, nos tempos modernos, encontrou uma de suas formas características nas ditaduras militares”.<sup>314</sup>

Antônio Cândido ressalta ainda que a isso tudo – a ausência do princípio de hierarquia e a exaltação do prestígio pessoal com relação ao privilégio – se ligaria, na Península Ibérica, o que Sérgio Buarque, pela primeira vez, alude como um dos temas fundamentais do livro:

"a repulsa pelo trabalho regular e as atividades utilitárias, de que decorre por sua vez a falta de organização, porque o ibérico não renuncia às veleidades em benefício do grupo ou dos princípios." <sup>315</sup>

---

<sup>312</sup> – Ibid., p. 163. [grifos nosso]

<sup>313</sup> – É interessante assinalar, nesse aspecto, a Nota 3 – “*Aversão às virtudes econômicas*” [pp: 96/99] –, além do que, é sintomático a forma depreciativa que se associou em português a palavras como: *tratante* (de trato, acordo, contrato) e *traficante* (de negociante) [p. 78]. In HOLANDA, Sérgio Buarque de, *RAÍZES DO BRASIL*, op. cit.

<sup>314</sup> – HOLANDA, Sérgio Buarque de, *RAÍZES DO BRASIL*, op. cit., p. 9.

“Raízes do Brasil” é marcado pelas oposições – trabalhadas nos capítulos iniciais – entre “trabalho e aventura”, e entre “o ladrilhador e o sementeiro”<sup>316</sup>. Tais oposições, sobremaneira, apontam para aquelas características singulares da ética protestante vistas anteriormente: a precedência dos interesses de longo prazo sobre os de curto prazo, a importância do controle racional dos afetos e as vantagens da cooperação social sobre o *personalismo*.

Segundo Sérgio Buarque, o traço “sementeiro” do colonizador português em particular, em suma, seria caracterizado então pela *imprevidência*, por

“nenhum estímulo vindo de fora os incitava a tentar dominar seriamente o curso dos acontecimentos, a torcer a ordem da natureza.”<sup>317</sup>

Mas é no capítulo sobre o “homem cordial”, talvez o clímax do argumento *buarqueano*, que emerge uma reflexão que visa a uma síntese e a condensação de toda a ideia que perpassa o livro.

Podemos dizer que “Raízes do Brasil” é constituído por (dentre outras) uma linha básica de argumentação, a que estabelece o que seria o nosso tradicionalismo, profundamente marcado pelo iberismo – caracterizado pelo culto à personalidade e pela aventura – e que deságua no tipo ideal da *cordialidade*.

Numa leitura atenta do “homem cordial” permite-nos deduzir que ele é o inverso perfeito do perfil weberiano do tipo ideal do protestante ascético, para quem a condução da vida é determinada “de dentro”, por um ato de vontade que controla a emotividade em nome de uma ação conseqüente no mundo externo. Daí o racionalismo que habita esse tipo de personalidade ser o da “dominação do mundo”. Por outro lado, e de “maneira transversa”, a

---

<sup>315</sup>- CÂNDIDO, Antônio na Introdução de HOLANDA, Sérgio Buarque de, *RAÍZES DO BRASIL*, op. cit., p. xliii.

<sup>316</sup> – A distinção entre “Trabalho & Aventura” é abordada no capítulo 2 [pp: 12/40] e, entre “O Sementeiro e o Ladrilhador”, no capítulo 4 [pp: 61/100] de HOLANDA, Sérgio Buarque de, *RAÍZES DO BRASIL*, op. cit. É interessante assinalar que, na “oposição” *ladrilhador* versus *sementeiro*, aquele é o colonizador da América Espanhola e o outro, da América Portuguesa, portanto, *ambos ibéricos*.

<sup>317</sup> – HOLANDA, Sérgio Buarque de, *RAÍZES DO BRASIL*, op. cit., p. 64. [grifos nosso]

racionalidade típica que habita o perfil do “homem cordial” é “acomodação ao mundo”. Ele é assim *semeador* e não *ladrihador*.<sup>318</sup>

A expressão “homem cordial”, tomada de empréstimo ao escritor Ribeiro Couto, deve ser entendida no sentido etimológico, como o próprio Sérgio Buarque frisou<sup>319</sup>. A cordialidade (relativa às coisas do coração) surge como herança de uma sociedade personalista (e patriarcal) e se opõe ao domínio do racional e do impessoal que pauta as sociedades politicamente avançadas. Pela “lógica” *cordial*, a lei é secundária e flexível. Em seu solo frutificam o clientelismo, a troca de favores, o nepotismo, a impunidade e a substituição do mérito pelo Q. I. (“quem indicou”) como critério de construção dos quadros da nação. De todos esses “vícios”, a *cordialidade* é mãe gentil.

No último capítulo de “Raízes do Brasil” – “Nossa Revolução” –, ele alerta para o fato de a sociedade brasileira passar por profundas mudanças, numa “*revolução lenta, mas segura e concertada*”, que segue seu curso desde meados do século XIX e se fortalece com a Abolição da Escravatura, a qual lança o golpe de morte no domínio rural – fonte de manutenção da *cordialidade*. Entretanto, essa revolução, que transfere o centro de poder para as cidades, corrói a *cordialidade* sem trazer consigo a “civilidade” que, ao menos a configuração clássica do moderno, parece exigir: polidez, diferenciação entre o público e o privado, ética do trabalho. Esse desencontro, para ele, é o “trágico” de nossa situação.

---

<sup>318</sup> – Max Weber faz esse tipo de comparação, no capítulo final de seus estudos sobre a religião na China e chega à conclusão de que o inverso perfeito do protestante ascético seria o confuciano oriental – tipo social que une civilidade a boas maneiras. Por isso estamos fazendo uma análise de forma “transversa” e aproveitando aquele argumento a partir de SOUZA, Jessé, *A ÉTICA PROTESTANTE E A IDEOLOGIA DO ATRASO BRASILEIRO*, op. cit.

<sup>319</sup> – HOLANDA, Sérgio Buarque de, *RAÍZES DO BRASIL*, op. cit., Nota 157, pp: 106/107. Sérgio Buarque de Holanda nunca disse que o caráter nacional privilegia a bondade, que o “homem cordial” é um “gente boa”, acomodado – poucos clichês da “brasilidade” terão sido mais deturpado que esse. Embora ele tenha falado em “*lhaneza no trato, hospitalidade, generosidade*”, ele também afirmou que “*A inimizade bem pode ser tão cordial como a amizade, nisto que uma e outra nascem do coração, procedem, assim, da esfera do íntimo, do familiar, do privado.*”

"Nos ofícios urbanos reinavam o mesmo amor ao ganho fácil e a infixidez que tanto caracterizam, no Brasil, os trabalhos rurais. Espelhava bem essas condições o fato, notado por alguém, em fins da era colonial, de que nas tendas de comerciantes se distribuíam as coisas mais disparatadas deste mundo, e era tão fácil comprarem-se ferraduras de um boticário como vomitórios de um ferreiro. Poucos indivíduos sabiam dedicar-se a vida inteira a um só mister sem se deixarem atrair por outro negócio aparentemente lucrativo. E ainda mais raros seriam os casos em que um mesmo ofício perdurava na mesma família por mais de uma geração, como acontecia normalmente em terras onde a estratificação social alcançara maior grau de estabilidade."<sup>320</sup>

Entretanto, essa *tragédia*, não significa que para Sérgio Buarque o “homem cordial” não tenha qualidades e virtudes, possíveis de afirmação em meio às grandes transformações do capitalismo contemporâneo dito *globalizado*, cujos arautos preconizam “exigências” de novo tipo. E aí, a plasticidade, a capacidade de acomodação e adaptação – e seus correlatos de base relacional –, ganham o *status* de “vantagens”. E o “homem cordial”, embora aja pelos impulsos do coração, sem distanciamento das situações e objetos exteriores, e, dessa maneira, é refratário a submeter-se a regras abstratas e a diferenciar a esfera pública de privada, além de não conseguir se dedicar ao esforço continuado numa atividade sistemática e racionalmente rotinizada, esforço esse que exige uma submissão do indivíduo ao objeto do trabalho, é **forro e se vira!**.

“A vida íntima do brasileiro nem é bastante coesa, nem bastante disciplinada, para envolver e dominar toda a sua personalidade, integrando-a, como peça consciente, no conjunto social. Ele é livre, pois, para se abandonar a todo repertório de idéias, gestos e formas que encontre em seu caminho, assimilando-os freqüentemente sem maiores dificuldades.”<sup>321</sup>

Constatamos no Brasil contemporâneo que a *cordialidade* lentamente “se disciplina” e “se civiliza” (o próprio GEM, por exemplo, *traduz* esse fato

---

<sup>320</sup> – HOLANDA, Sérgio Buarque de, *RAÍZES DO BRASIL*, op. cit., p. 28.

<sup>321</sup> – Ibid., p. 112. [grifos nosso]

na nossa crescente participação no mundo dos “empreendimentos” mas de “outra” *forma*) sem contudo romper radicalmente com suas características iniciais – *ela* “se vira”. Estamos diante de uma situação em que a nossa tradição se moderniza “por dentro”. E a nossa raiz ibérica, desse ponto de vista, passa a possibilitar uma outra versão do moderno – e não simplesmente a sua antítese.

Percebemos então, a partir desse grande autor, com certeza, um sentido agudo, que faltará a vários outros pensadores que buscam entender o Brasil: ao marcar nossas diferenças, ele busca articular, de algum modo, nosso ser real com uma bem-vinda influência do modelo protestante idealizado.<sup>322</sup>

Assim, Sérgio Buarque de Holanda abriu caminhos para se pensar o Brasil na sua singularidade exótica, excluída, diferente, desigual, errada, e principalmente *nossa*.

#### **IV.2.2: O mazombo e o yankee: o Brazil de Viana Moog**

Para Clodomir Viana Moog, em “Bandeirantes e Pioneiros”<sup>323</sup>, de nossa herança ibérica – “*os restos de um feudalismo acobertador de uma sociedade indecisa entre o passado e o futuro*” – por aqui se implantou

"uma economia indefinida, nem inteiramente feudal e nem inteiramente capitalista, mas um misto de medievalismo, modernismo, feudalismo e mercantilismo, um feudalismo desprovido de espírito medieval, e um mercantilismo a que faltaria o verdadeiro espírito do capitalismo."<sup>324</sup>

Daí ele se propõe a responder exatamente à pergunta que está presente, de maneira implícita ou explícita, em muitos dos autores que se dedicaram a interpretar o Brasil: quais os motivos do contraste entre o progresso dos Estados Unidos e o atraso brasileiro?

---

<sup>322</sup> – Esse ponto é esboçado no famoso capítulo final de “Raízes do Brasil” e é ainda melhor desenvolvido em seus trabalhos posteriores como, por exemplo, em *COBRA DE VIDRO*, Editora Perspectiva, São Paulo, 1987.

<sup>323</sup> – MOOG, Clodomir Viana, *BANDEIRANTES E PIONEIROS: PARALELO ENTRE DUAS CULTURAS*, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1964.

<sup>324</sup> – *Ibid.*, p. 7.

“Como foi possível para os EUA, país mais novo do que o Brasil e menor em superfície continental contínua, realizar o progresso quase milagroso que realizaram e chegar aos nossos dias, à vanguarda das nações, com a prodigiosa realidade do presente, sob muitos aspectos a mais estupenda e prodigiosa realidade de todos os tempos, quando nosso país, com mais de um século de antecedência histórica, ainda se apresenta, mesmo à luz de interpretações e profecias mais otimistas, apenas como o incerto país do futuro?”<sup>325</sup>

Ele inicia sua comparação entre os dois países rejeitando de saída as explicações pela superioridade racial<sup>326</sup>. Em seguida, o atraso brasileiro é explicado por fatores geográficos quando ele observa indiscutível superioridade ao aspecto meio aos Estados Unidos<sup>327</sup>. Como a geografia não explica tudo<sup>328</sup>, ele sai em busca de condicionantes ético-religiosos, à *moda* weberiana.

Para ele, os Estados Unidos são o único país que “nasceu calvinista”<sup>329</sup>. Daí, o orgulho de serem “americanos” por oposição à Europa, no sentido do orgulho de quem está construindo a vida de acordo com uma ideia de comunidade/seita – tida como sagrada. Uma vida baseada na ética do trabalho, no aperfeiçoamento moral e no pragmatismo econômico. Esse é o mundo do “pioneiro” americano.

No Brasil, para ele, a figura correspondente, em termos de realidade histórica, é o “mazombo”. Este, é o filho do português nascido no Brasil e cujas características se assemelham ao perfil do “homem cordial” de Sérgio Buarque: individualismo personalista, busca de prazeres imediatos, descaso por ideais comunitários e de longo prazo.<sup>330</sup>

---

<sup>325</sup> – Ibid., p. 3.

<sup>326</sup> – Ibid., p. 5 e 28. Ele inclusive registra seu espanto diante do predomínio de tais teorias por aqui, para ele a miscigenação seria um traço de vantagem para nós ao atenuar os conflitos raciais.

<sup>327</sup> – Ibid., p. 9 e 17.

<sup>328</sup> – Ibid., p. 47.

<sup>329</sup> – Ibid., p. 67.

<sup>330</sup> – Mas aqui tem-se também o confronto do absolutamente positivo com o absolutamente negativo – pioneiro/mazombo – que nos remete, mais uma vez, aos

“Não há como esquecer as heranças culturais e religiosas dos dois países, os fatores éticos, filosóficos, psicológicos, simbólicos e estéticos que constituíram o passado das duas culturas, (...) (o fato do Brasil ter sido) conquistado por um povo mediterrâneo, católico, barroco e latino, e os Estados Unidos por um povo nórdico, anglo-saxão e protestante.”<sup>331</sup>

Para Viana Moog, a história tem mais a dizer sobre os fatos sociais do que os determinismos geográfico, étnico, biológico ou econômico:

“... não há (como) senão recorrer à história, ao passado longínquo das duas civilizações, e delas destacar aquelas diferenças que, estremando as duas culturas no plano religioso, moral e psicológico, possam ter influído, pelas suas repercussões no plano material e econômico.”<sup>332</sup>

Daí seguem-se comparações, as mais variadas, entre a conquista dos bandeirantes e a colonização dos pioneiros, abordando alguns dos vários temas recorrentes entre tantos *explicadores* do Brasil, como, por exemplo: sentido predatório da colonização portuguesa<sup>333</sup>; desterro do brasileiro que se sente “europeu extraviado”<sup>334</sup>; cultura ornamental e desprezo pelo trabalho<sup>335</sup>; o Brasil como arquipélago cultural<sup>336</sup>; a malandragem como símbolo cultural do país<sup>337</sup>.

Ele se utiliza de símbolos e mitos tais como o “bandeirante”, o “pioneiro”, o “yankee”, o “mulato”, o “malandro”, além do já citado

---

pares conceituais heleno/bárbaro e cristão/pagão. Esse “ritmo” é marcante em sua obra.

<sup>331</sup> – Ibid., pp.: 91/92.

<sup>332</sup> – MOOG, Clodomir Viana, *BANDEIRANTES E PIONEIROS: PARALELO ENTRE DUAS CULTURAS*, op. cit., p. 92.

<sup>333</sup> – Ibid., p. 97.

<sup>334</sup> – Ibid., p. 115.

<sup>335</sup> – Ibid., p. 129. Aqui inclusive ele afirma que: ... *o próprio Reino tudo fazia por impedir a dignificação da atividade manual e de toda a forma de trabalho orgânico.*

<sup>336</sup> – Ibid., p. 151.

<sup>337</sup> – Ibid., p. 233.

“mazombo”. Com relação aos nossos tipos, ele faz uma abordagem superficial e sem maiores aprofundamentos (por exemplo como fez Sérgio Buarque), não explicita se esses seriam tipos ideais, e acaba muito próximo dos equívocos dos antigos teóricos da raça e do clima não acrescentando dados relevantes. O “bandeirante”, por exemplo, no que diz respeito à realidade histórica, e como o título do livro sugere, é o contrário do “pioneiro”: é errante e de ânimo econômico predatório e extrativista.

Mas o que marca sua análise “tipológica” é a obcecada admiração pelos Estados Unidos. Ele se fixa nos tipos sociais americanos que analisa – o *pioneiro* e o *yankee*. Para ele, “*as figuras representativas do espírito nórdico americano*”. E trabalha tais tipos a partir de uma interessante distinção temporal. O “pioneiro” é o pequeno produtor rural, cronologicamente anterior. Ele é o povoador e o conquistador de terras<sup>338</sup>. O “yankee”, por sua vez, é o *pioneiro*, já urbano, capitalista e empreendedor. E, para Moog, a civilização *yankee* se resume na frase de Thomas Paine: “We have in our power to begin the world all over again” (*Nós temos o poder de refazer o mundo*). E é dela a América de hoje.

Entretanto, em sua abordagem pela esfera simbólica, é o “pioneiro” quem continua no imaginário americano como um mito, como fonte de inspiração, poesia e sonho – a imagem do presidente Abraham Lincoln é o grande exemplo dessa transfiguração (como já assinalamos anteriormente). Da mesma forma que o “bandeirante” representa para nós o mesmo que a imagem transfigurada do “pioneiro” para os americanos e o estado de São Paulo, principal estado brasileiro em quase todos os aspectos, seria, para ele, um exemplo perfeito dessa transfiguração, mas sem vínculos com a realidade. Se existe um pedaço do Brasil cujos méritos estão ligados ao espírito do “pioneiro”, este seria precisamente São Paulo.<sup>339</sup>

---

<sup>338</sup> – Para Viana Moog, o correlato mais próximo do pioneiro seria o nosso colono do sul do país.

<sup>339</sup> – É interessante ressaltar que Viana Moog atribui, nessa peculiar transfiguração simbólica, ao “bandeirante” as realizações paulistas, conferindo-lhe qualidades que ele nunca teve. Fica claro que, para Viana Moog, se existe um estado brasileiro cujos triunfos são produtos do colono imigrante este é São Paulo. Mas, apesar de tudo: “... *a julgar pela atoarda da literatura nacional em torno dos bandeirantes, dir-se-ia que o São Paulo moderno, o São Paulo das indústrias, o São Paulo do café, o São Paulo que constrói e monta o mais soberbo parque industrial da América*

No entanto, apesar do tom e do *ritmo* do livro ser a, explícita, contraposição de formas de colonização a partir de heranças religiosas e culturais distintas, uma levando a um desenvolvimento em progressão geométrica (EUA), e a outra conduzindo a uma mera progressão aritmética (Brasil), Viana Moog percebe ambiguidades na tradição protestante. Ele verifica que a superioridade econômica do protestante não implica, obrigatoriamente, superioridade em todos os aspectos da vida – coisa rara por aqui. Daí ele sugere, por exemplo, a incompatibilidade entre puritanismo e fraternidade, associando-a à propaganda racista do imperialismo inglês e à discriminação racial aberta nos Estados Unidos<sup>340</sup>. E aborda também um tema essencialmente contemporâneo, ainda que de forma tangencial, a ambiguidade capitalista em geral, que reduz todas as “qualidades” a uma lógica quantitativa<sup>341</sup>.

Enfim, Viana Moog, *apoiado* em Max Weber, e numa mesma época que Sérgio Buarque e outros intérpretes da *brasilidade*, no nosso entendimento, “inaugura” e dá forma ao nosso (péssimo) senso *herodianizado* de que somos atrasados<sup>342</sup>. Ele dá forma à visão hegemônica de que o que é bom para os EUA será necessariamente muito bom para o Brasil (e o resto do planeta). Assim, confirma, de forma “transfigurada”, o (“trágico”) dito de Leopoldo Zea: “Para o moderno, o passado é algo útil; para o ibero-americano

---

*do Sul, é obra exclusiva do bandeirante e do espírito da bandeira. Porque nisto de emprestar ao bandeirante atributo que ele nunca teve, o paulista de quatrocentos anos é um perfeito ianque. Se, para valorizar o símbolo que lhe é caro, for preciso atribuir ao bandeirante atributos orgânicos, ele o atribuirá; se para magnificá-lo for preciso torcer a história ele a torcerá. Embora tomando de empréstimo ao pioneiro, para dar ao bandeirante, qualidades, intenções e preocupações que ele nunca teve, ainda é a imagem idealizada do bandeirante a que paradoxalmente mais cultua o estado mais pioneiro do Brasil.” In MOOG, Clodomir Viana, BANDEIRANTES E PIONEIROS: PARALELO ENTRE DUAS CULTURAS, op. cit., pp: 211/212.*

<sup>340</sup> – Ibid., pp: 242/243.

<sup>341</sup> – Ibid., p. 247

<sup>342</sup> – Desculpe a *hipérbole* ao colocar Viana Moog como aquele que “inaugura” a forma de pensar de nossa elite *herodianizada*: ele não foi o primeiro e nem será o último.

é um obstáculo.” Moog, se utiliza do passado para apontar obstáculos: isso é ser moderno?!

### **IV.2.3: A mensagem de Richard Morse**

Richard McGee Morse é um intelectual singular. Um americano que fez caminho inverso ao completar seu doutorado por aqui, na USP, na década de 40, e que participou da efervescência cultural de então ao conviver e fazer amizade com muitos dos nossos mais importantes intelectuais.<sup>343</sup>

Sobre ele, o depoimento de Antônio Cândido é fundamental:

“Sempre houve nele (Richard Morse) a fascinação pelo mundo latino-americano, que o levou desde estudante a escolher a sua história como especialização, a viajar pelo México, por Cuba, pela América do Sul, a observar as diversas faces da nossa realidade com uma simpatia penetrante. Isso foi ajudado por um traço pessoal: a despreensão que leva à abertura para sugestões que vêm de fora e impede a imposição de padrões pré-fixados, geralmente marcados pelo preconceito. Essa despreensão se traduz no plano pessoal por uma bonomia bem humorada de quem parece não levar muito a sério a si e aos outros, mas é na verdade sinal do interesse pela diferença, e da disposição de respeitá-la.”<sup>344</sup>

Com Richard Morse, temos a comparação entre os dois universos culturais – Ibero-América e Anglo-América – retomada em sentido inverso. Em seu livro, “O Espelho de Próspero: Cultura e Ideias nas Américas”<sup>345</sup> –

---

<sup>343</sup> – Sua tese, que teve como um dos orientadores Sérgio Buarque de Holanda (de quem nutria, explicitamente, um carinho todo especial), sobre a história da cidade de São Paulo ainda é uma (ou **a**) referência para os estudiosos do tema. Ele conviveu por aqui e fez amizade, nos tempos da USP, com pessoas do porte de Antônio Cândido, Florestan Fernandes, Caio Prado Jr., Oswald de Andrade, Mário de Andrade, dentre outros.

<sup>344</sup> – CÂNDIDO, Antônio, na Apresentação de MORSE, Richard M., *O ESPELHO DE PRÓSPERO: CULTURA E IDEIAS NAS AMÉRICAS*, op. cit., pp: 9/10.

<sup>345</sup> – MORSE, Richard M., *O ESPELHO DE PRÓSPERO: CULTURA E IDEIAS NAS AMÉRICAS*, op. cit.

cujo título já é bastante sugestivo –, ele trabalha a “*história comum das Américas*”<sup>346</sup>, ao analisar a Ibero-América a partir das opções culturais e

---

<sup>346</sup> – Na Introdução de seu outro livro “A Volta de McLuhanaíma” – outro título por demais sugestivo além de irreverente: Marshall MacLuhan + Macunaíma (“*A mensagem é a mensagem!!!*”, p.257) – ele recorre a uma terminologia que detecta dois grandes enfoques no estudo histórico do Continente: o “genético” e o “situacional” (assunto esse que ele já havia tratado em seu artigo “The bandeirantes” de 1965). Em suma, o primeiro interpreta o “Novo Mundo” a partir das ideias e das instituições transportadas do “Velho”, tratando aquele como uma folha em branco a ser preenchida com o legado transatlântico. Nessa linha é comum a comparação – e geralmente a oposição – entre Anglo-América e Ibero-América (“O Espelho de Próspero” é um grande exemplo). O segundo enfoque explicativo, o “situacional”, procura alguma dinâmica que possa significar a “*impressão de uma marca particular*” nos valores do Velho Mundo para ele transportados. A dinâmica pode variar, mas em qualquer um dos casos podemos chamá-la de *americanização* – no sentido continental (“A Volta de McLuhanaíma” é um grande exemplo e o “Movimento Modernista de 22” uma referência para ele: o “herói” *McLuhanaíma*, que dá título ao último capítulo do livro, é tratado como “*The solid gold hero*” ou *O herói com bastante caráter*). Ressaltamos que nossa intenção nesta dissertação, sem nenhuma presunção de “historiador” (sou um mero engenheiro), é analisar o *fenômeno* “Empreendedorismo” enquanto uma “instituição” para cá transportada, além de sua “dinâmica” e impactos por aqui. Ou seja, ela (a dissertação) tem um quê de *genética + situacional* – pretensiosamente. Por outro lado, a presença de Morse (com sua “mensagem”) justifica a citação anterior (que pode até ser considerada jocosa, pouco séria e sem fundamento) de *Stanislaw Ponte Preta* e o “tupi or not tupi” (nada mais “situacional”) de Oswald de Andrade. No nosso entendimento, a explicação “genética” tem um quê de *dolorosa*, e a “situacional”, *saborosa* (na medida em que ela também analisa “dinâmicas” *antropofágicas* como, por exemplo, no impacto da linguagem – como as línguas europeias foram *transformadas* por aqui? –, no Velho continente, como ele tratou nos quatro primeiros capítulos de “A Volta de McLuhanaíma”). Além disso tudo, se observarmos suas fontes – que perpassa pelas mais diversas matrizes, num (com todo respeito!, e de forma extremamente elogiosa) *samba-do-criolo-doido* genial – veremos que Wilhem Von Humboldt – que, para Morse, “*foi talvez o primeiro a explorar com mais profundidade a relação entre linguagem e experiência coletiva*” [“A Volta de McLuhanaíma”, p. 25] – é uma fonte “primeira” ou, melhor ainda, Morse sabia da

intelectuais ibéricas no fim da Idade Média. A partir daí, o livro é marcado pela oposição entre as duas Américas, como já fica explícito na justificação do seu título:

“É sabido que um espelho dá uma imagem invertida. Embora as Américas do Norte e do Sul se alimentem de fontes da civilização ocidental que são familiares a ambas, seus legados específicos correspondem a um anverso e um reverso. Assim, a metáfora do espelho parece-me apropriada ao caso.”<sup>347</sup>

No decorrer da leitura percebe-se um livro tão erudito quanto provocante em que o autor se propõe a saber se a civilização ibero-americana teria uma *mensagem* para o mundo moderno, por oferecer suas opções culturais históricas como espelho no qual a Anglo-América poderia reconhecer seus próprios problemas.

“Jamais foi propósito levar a cabo um exercício de construção de modelos, de patologia, de determinismo cultural ou de pedantismo, mas simplesmente ver se a civilização ibero-americana, que evidentemente possui identidade histórica, tem alguma mensagem para o nosso mundo moderno. Quando me dispus a revisar e ampliar meus ensaios anteriores, descobri que rangiam sob o peso dessa intenção. Por isso escrevo este trabalho.”<sup>348</sup>

Daí ele percorre vários caminhos, não mais à luz do Ocidente de Calvino, Jefferson, Bentham e Mill, mas, como a *lente* de um Wim Wenders,

---

importância do *metamorfosear tanto mundo quanto possível na pessoa, para as mais gerais, provocantes e livres inter-relações* de Humboldt. Sua obra demonstra uma “prática” *humboldtiana*, até irreverente, mas, rigorosamente científica. Para um aprofundamento: MORSE, Richard M., *A VOLTA DE MCLUHANAÍMA: CINCO ESTUDOS SOLENES E UMA BRINCADEIRA SÉRIA*, Editora Companhia das Letras, São Paulo, 1990.

<sup>347</sup> – MORSE, Richard M., *O ESPELHO DE PRÓSPERO: CULTURA E IDEIAS NAS AMÉRICAS*, op. cit., p. 13.

<sup>348</sup> – MORSE, Richard M., no Prefácio de *O ESPELHO DE PRÓSPERO: CULTURA E IDEIAS NAS AMÉRICAS*, op. cit., p. 16.

diante do Ocidente de Freud, Kafka, Adorno, Horkheimer e Marcuse, partindo da constatação de que “Novo Mundo: dois mundos”.

Mas, para os nossos propósitos, Morse acaba chegando também, com apoio em Max Weber, à conclusão de que a racionalidade ocidental não se confunde com o capitalismo, pois existem tipos diferentes de racionalidade e não muitos elementos para que se estabeleça a distinção entre a capacidade racional das duas Américas.

“Embora se possa dizer e tenha sido dito que historicamente o poder econômico é de certo modo anterior ao poder político do mundo anglo-atlântico e que o contrário ocorre no mundo ibérico, trata-se de uma grave simplificação das idéias de Weber sugerir que a racionalidade do capitalismo pode se comparar perfeitamente às calculadas técnicas com que um caudilho afirma seu carisma e conquista seus adeptos. (...) A racionalidade ocidental não foi a rigor um produto do capitalismo, mas um resultado conjuntural de causas econômicas, políticas, científicas, teológicas e filosóficas. O capitalismo poderia definhir – e provavelmente acontecerá – e a sociedade ocidental continuaria tão racionalizada como antes. Na verdade Weber temia que o socialismo pudesse inclusive apertar os parafusos da ‘jaula de ferro’ da racionalização. Embora Weber tenha certamente se beneficiado da genial visão marxista da mercantilização da vida no capitalismo, seu próprio tratamento da racionalização estava ainda mais profundamente comprometido com o processo histórico e permitiu-lhe ‘fundir os traços específicos do sistema de produção capitalista com os traços da racionalidade instrumental’. (...)”

O problema são os vários significados da racionalidade, ou da razão. Qualquer ação pode ter sua lógica própria: o capitalista que faz um investimento para aumentar seus lucros, o caudilho que distribui terras para fortalecer a lealdade de seus seguidores, o azteca que derrama sangue para aplacar seus deuses.”<sup>349</sup>

E, quanto ao processo de racionalização da vida, Morse pensa que a Ibero-América não internalizou completamente o “desencanto do mundo”,

---

<sup>349</sup> – Ibid., p. 131.

por ter rejeitado no passado as implicações últimas das revoluções religiosa e científica e, assim, não poder experimentar plenamente seus resultados em termos de individualismo e utilitarismo.<sup>350</sup>

Mas o importante é sua observação de que a Ibero-América sempre foi vista, até mesmo por seus próprios pensadores, como obsoleta, por desviar-se do modelo estabelecido pela opção cultural anglo-saxônica. Morse então quer contrapor a maneira peculiar de inserção da Ibero-América no Ocidente à *“progressiva capitulação da mente ocidental ante as forças desencadeadas por ela mesma”*.

E, de forma evidentemente favorável ao potencial da Ibero-América, para ele, os pensadores ibero-americanos têm se penitenciado indevidamente quando lamentam a incapacidade de transformar os paradigmas intelectuais do Ocidente moderno em novas sínteses culturais, pois o que se observa é menos a coexistência desvinculada de ideias do que uma matriz de pensamento e sentimento dotada de extraordinária capacidade de auto-renovação e de articulação ante o impacto dos paradigmas estrangeiros.

“O segredo da ética ibero-católica foi, a princípio, sua habilidade de combinar as rezas dos feiticeiros de Chichicastenango e dos candomblés da Bahia com o catolicismo oficial. Hoje presenciamos a combinação de marxismo-leninismo, trotskismo, maoísmo, rousseau-nismo, liberalismo de discoteca, neotomismo gálico e neofascismo dentro de uma mentalidade que está apenas começando a descobrir uma ‘retórica’ modernizada no sentido deliberativo ou forense.”<sup>351</sup>

No nosso entendimento essa é a grande “mensagem” de Richard Morse. Ele, à sua maneira, ressalta as nossas “virtudes” tão bem explicitadas por Sérgio Buarque – plasticidade, capacidade de acomodação e adaptação – e nos convida a articular universalidade e diferença. Pois, as escolhas culturais, assim como as individuais, implicam perdas e ganhos. O que temos a aprender com outros povos e sociedades e, principalmente, com o “outro” à nossa frente – *face-a-face* – demanda uma reflexão que deve ser simultânea à percepção daquilo que devemos rejeitar como impróprio. E o epígrafe que abre “O Espelho de Próspero” – de Friedrich Nietzsche em “Assim falou Zaratustra” – resume, sobremaneira, a sua “mensagem”:

---

<sup>350</sup> – Ibid., pp: 133/137.

<sup>351</sup> – Ibid., p. 156/157.

“Nenhum povo poderia viver, se antes não avaliasse o que é bom e o que é mau; mas, se quer conservar-se, não deve fazê-lo da mesma maneira que seu vizinho.

Muitas coisas que um povo considerava boas, considerava-as, outro, como escárnio e opróbrio: foi o que achei. Muitas coisas achei, aqui, chamadas mal e, acolá, ornadas de purpúreas honrarias. (...)

Uma tábua de tudo que é bom está suspensa por cima de cada povo.”<sup>352</sup>

#### **IV.2.4: Outros olhares sobre a brasilidade**

O primeiro relato “oficial” que se tem notícia é o de Pero Vaz de Caminha, e esse relato é eivado, além do obvio espanto, de preconceitos, mas – e esse fato é interessante –, é marcado pela subjetividade e pelo *personalismo* ibérico (ele chega até, *aproveitando o ensejo*, a pedir emprego para o sobrinho) – trata-se de uma carta a *El-Rei*:

"Eles não lavram, nem criam. Não há aqui boi, nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha, nem qualquer outra animária, que costumada seja ao viver dos homens. Nem comem senão desse inhame, que aqui há muito, e dessa semente e frutos, que a terra e as árvores de si lançam. E com isto andam tais e tão rijos e tão nédios que não o somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos. (...) Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muitos bons ares, assim frios e temperados, como os de Entre Doiro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá. (...) Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem.”<sup>353</sup>

---

<sup>352</sup> – Ibid., p. 17.

<sup>353</sup> – A transcrição, com grafia moderna, da Carta de Pero Vaz de Caminha, foi retirada de FAORO, Raymundo, *OS DONOS DO PODER*, Editora Globo, Porto Alegre, 1979, p. 100. A versão completa está disponibilizada no site [www.500anos.com.br](http://www.500anos.com.br)

Embora o quadro retratado na carta de Pero Vaz de Caminha nos revela que os habitantes primitivos já laboravam, trabalhavam e agiam, ou seja, possuíam uma inventividade e um modo-de-ser próprios, as tais *táticas de vida* – já trançavam o fio para fazer a rede, temperavam o barro para confeccionarem seus potes, já faziam suas casas, caçavam, colhiam plantavam e, o mais importante, já transmitiam suas experiências e suas tradições às novas gerações – o preconceito de então, não vislumbrava que já naquela época tínhamos por aqui *homos imprehenditors*.

John Mawe, que por aqui esteve, em Agosto de 1809 e foi o primeiro inglês que recebeu permissão para penetrar em alguns lugares antes interditos como a região das Minas. Ao contrário de outros viajantes, o objetivo de sua viagem não é inteiramente explicitado no relato. No entanto, parece tratar-se de objetivos inteiramente “práticos”<sup>354</sup>.

Para os nossos propósitos *pinçaremos* algumas passagens:

- “*Pode-se corrigir a insalubridade deste lugar limpando e drenando o solo, mas tal empreendimento é árduo, e requer um povo mais ativo e prático.*”<sup>355</sup>
- “*O lugar desfruta de ótima situação e podia, sob administração hábil e industriosa, transformar-se em paraíso (...) Possui excelente argila, ótima madeira, boa quantidade de água, (...) que cenário para um fazendeiro empreendedor!*”<sup>356</sup>
- “*As coisas estão condenadas a seguir a mesma rotina, entregues à direção de homens que tremem à perspectiva de temporário aumento de trabalho, mesmo quando se lhes promete lucro permanente.*”

---

<sup>354</sup> – SANTOS, Cláudia Regina Andrade dos, *O ESPELHO DO PROGRESSO. O BRASIL SOB O OLHAR DOS VIAJANTES (1808-1858)*, Tese de Mestrado, COPPE/UFRJ, Setembro de 1993.

<sup>355</sup> – MAWE, John, *VIAGENS AO INTERIOR DO BRASIL*, Editora Itatiaia, Belo Horizonte, 1978, p. 56. [grifos nosso]

<sup>356</sup> – *Ibid.*, p. 92. [grifos nosso]

*Esta aversão ao progresso observei com freqüência em todos habitantes do Brasil.*”<sup>357</sup>

- “Deitei-me meditando na absoluta miserabilidade das coisas que me rodeavam; (...) os próprios animais na estebaria estavam melhor alojados e alimentados que o dono, a julgar pelo aspecto do que víramos, cuja apatia preguiçosa só podia comparar com a dos suínos.”<sup>358</sup>
- “Deseja-se que o governo funde e anime sociedades moldadas nas nossas Sociedades de Artes, de Manufatura e de Comércio (...) Seria necessário dar honrarias a todos que favorecessem estes progressos (...) A influência de assembléias espalharia por toda parte a instrução e despertaria na nação o espírito de pesquisa; (...) Poder-se-ia com a introdução desta medida, incitar uma mudança total nos costumes, no caráter e nos hábitos dos brasileiros (...) Seria a verdadeira base da prosperidade do país, tão rico de produtos naturais e ao mesmo tempo, tão abandonado por falta de habitantes esclarecidos e industriosos.”<sup>359</sup>
- “Mas para fazer disto um objeto de lucro, dever-se-ia adotar sistema completamente diferente, baseado em princípios racionais e seguidos com método, e não oriundos da ignorância, da ociosidade e da inépcia.”<sup>360</sup>

É interessante assinalar que no relato de Mawe, raramente é sugerido alguma positividade no observado. Nos modos de vida encontrados, são os

---

<sup>357</sup> – Ibid., p. 105. [grifos nosso]

<sup>358</sup> – Ibid., p. 117. [grifos nosso]

<sup>359</sup> – Ibid., p. 188. Essa citação, não por coincidência, nos remete às *Conclusions e Implications for Policymakers* dos Relatórios do GEM. [grifos nosso]

<sup>360</sup> – Ibid., p. 232. [grifos nosso ] Um detalhe, estamos no ano de 1809!!!

aspectos materiais que despertam seu interesse e o motiva para as descrições. E, não encontrando traços comuns com seu mundo de origem, infere a ausência de ordem, de asseio e de trabalho. O que o anima essencialmente é a ideia da realização de obras, da submissão da natureza através de métodos racionais – essa ideia orienta a observação do mundo que se apresenta. Em suma, sua narrativa pode ser lida como uma listagem de casos de miséria, acompanhados de críticas ao caráter dos brasileiros e de conselhos econômicos. Tudo emerge como sinal de “ausência” de ordem, eivado de aspectos deploráveis e avaliações que expressam desprezo.<sup>361</sup>

Mas por outro lado, é interessante assinalar também que o relato de John Mawe foi um gerador de viagens em busca do enriquecimento conforme outro relato, de outro viajante que aqui esteve alguns anos depois, o pastor protestante Daniel Kidder:

“Um inglês de poucos recursos, lendo o livro de Mr. Mawe, entusiasmou-se tanto com as riquezas minerais e vegetais que para se transportar ao país, sujeitou-se à condição de criado (...) Chegando conseguiu, de alguma forma atingir as serras do interior (...) onde suas atividades foram bem sucedidas”.<sup>362</sup>

Mas Daniel Kidder que por aqui esteve, entre 1837 e 1841, como missionário fez algumas observações interessantes sobre nossa religiosidade em que a “ausência” – de sermões, da moralidade, de seriedade, de respeito e de sentimento religioso – é a tônica:

“Perguntamos que santa era essa e apenas souberam dizer que essa Nossa Senhora é a mesma Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Rosário e diversos outros nomes que dão à Virgem Maria! Duvidamos que a mitologia grega ou romana tivesse sido mais confusa. (...) Terminada a novena, todo o povo acorria ao campo, para apreciar os fogos de artifício (...) que se queimavam até depois da meia-noite (...)

---

<sup>361</sup> – Adaptado de SANTOS, Cláudia Regina Andrade dos, *O ESPELHO DO PROGRESSO. O BRASIL SOB O OLHAR DOS VIAJANTES (1808-1858)*, op. cit.

<sup>362</sup> – KIDDER, Daniel Parish, *REMINISCÊNCIAS DE VIAGENS E PERMANÊNCIAS NAS PROVÍNCIAS DO NORTE DO BRASIL*, Editora Itatiaia, Belo Horizonte, 1980, p. 155.

Se se tratasse de divertimentos para africanos ignorantes, seriam mais compreensíveis, mas como parte dos festejos religiosos (em honra a Nossa Senhora Padroeira), celebradas em dia santificado e com a presença entusiástica de padres, monges e do povo, temos que confessar francamente que nos chocou bastante (...) Uma das mais penosas impressões foi ver famílias inteiras, inclusive senhoras e senhoritas, ao ar úmido da noite, admirando cenas que não só tocavam às raias do ridículo, mas, ainda, eram acentuadamente imorais e dizer que tudo isso se fazia em nome da religião (...) Retiramo-nos prazerosamente (...) com a firme resolução de jamais assistir voluntariamente, a tais profanações do dia do Senhor.”<sup>363</sup>

Outro pastor protestante, Robert Walsh, que aqui esteve na mesma época de Kidder, em seus relatos, além da contumaz “ausência” de positividade no “outro”, apresenta uma outra característica, a ideia de superioridade dos povos protestantes. Não pela opção religiosa propriamente dita, mas porque são mais ativos, mais industriosos. Ele chega inclusive a lamentar a não colonização do Brasil por povos protestantes e associa o progresso moderno e as inovações técnicas e científicas ao espírito dos reformadores protestantes. Ou seja, o protestantismo já era ligado ao desenvolvimento do capitalismo, portanto, muito antes de Max Weber.<sup>364</sup>

“O país agora estaria povoado por uma raça de homens que há muito tempo o teriam notabilizado pela industrialização e empreendimentos que geralmente supõe-se que estejam relacionados com o progresso da Reforma (...) se uma população de protestantes tivesse se estabelecido no país, com todo aquele empenho e energia que os distinguiu na Europa e América do Norte, esse magnífico país e sua esplêndida baía,

---

<sup>363</sup> – Ibid., pp: 133/134.

<sup>364</sup> – Sobre esse assunto, a ideia de superioridade dos povos protestantes e uma “ligação” desta ideia (ou *suposição* como alguns admitem) com o desenvolvimento do capitalismo, outros viajantes que por aqui estiveram, nesse mesmo período – primeira metade do século XIX –, compartilhavam. In SANTOS, Cláudia Regina Andrade dos, *O ESPELHO DO PROGRESSO. O BRASIL SOB O OLHAR DOS VIAJANTES (1808-1858)*, op. cit.

ao invés de estarem fechados ao mundo todo durante 250 anos, devido a leis intolerantes e ao excesso de zelo, seria hoje o que daqui para frente se tornará, o grande receptáculo da riqueza e industrialização de todas as nações.”<sup>365</sup>

Charles de Ribeyrolles, que por aqui esteve no período de 1858 a 1860, apresenta um relato que “representa um limite na forma do encontro com a alteridade social e natural”. A sua narrativa não nos transporta para qualquer exterioridade livre de suas opiniões e julgamentos. Suas referências à realidade observada são atualizadas como argumentos para o seu discurso sobre a necessidade absoluta de emigração. As singularidades e diferenças descritas são imediatamente negativizadas de forma absoluta. O fato de se tratar de realidades em desacordo com suas expectativas, já é em si motivos para críticas. Charles de Ribeyrolles não guarda, por exemplo, “a ambiguidade típica de outros viajantes para com a natureza exuberante” – motivo de maravilhamento ao mesmo tempo que motivo de críticas à incapacidade do povo para subjugar-la –, ele não é ambíguo, é direto: não há nada de positivo a relatar. Em suma, em seu relato encontra-se, de forma bastante explícita, todos os paradigmas que geram uma negativização absoluta da alteridade a partir da ideia de superioridade da raça branca e seus valores.<sup>366</sup>

Para ilustrar seguem abaixo algumas passagens:

- *“Brasileiros, não sois botocudos, nem puris, nem portugueses. Sois da filiação humana (...) Lembrai-vos que sois filhos deste grande século em que a humanidade, consciente, tomou posse de si mesma e de seu domínio”*<sup>367</sup>
- *“A consciência tomou vulto. Elevou-se na humanidade como no homem. Pergunte-se às propagandas pacíficas do comércio, das indústrias*

---

<sup>365</sup> – WALSH, Robert, *NOTÍCIAS DO BRASIL*, Editora Itatiaia, Belo Horizonte, 1985, Volume I, p. 69. [grifos nosso]

<sup>366</sup> – Adaptado de SANTOS, Cláudia Regina Andrade dos, *O ESPELHO DO PROGRESSO. O BRASIL SOB O OLHAR DOS VIAJANTES (1808-1858)*, op. cit.

<sup>367</sup> – RIBEYROLLES, Charles de, *BRASIL PITORESCO*, Volume I, Editora Itatiaia, Belo Horizonte, p. 34.

*(...) e se virá a saber que os últimos inimigos são os dogmas ou governos que mantêm nações inteiras a distância da família humana. (...) A guerra é santa contra os antropófagos do grande banquete.*”<sup>368</sup>

- *“Por que aqui não existem as energias, as tradições, o espírito norte-americano?”*<sup>369</sup>
- *“... desejaria ver grandes exploradores modernos entrarem por essas florestas e tomarem conta desses prados os operários. Ganhariam com isso, a terra, o homem, e a ciência. (...) Terra sem cultivo é capital morto, paisagem para aquarelas, simples horizonte ou ponto de vista”.*<sup>370</sup>
- *“Que concluir de tudo isso? Atrair para a terra os trabalhadores. Colonizar. Colonizar!”*<sup>371</sup>
- *“Espera-se colonizar com os chineses, os coolies, os malaios e todas essas raças degeneradas do Oriente, sorte de lepra humana? (...) O Brasil, de resto, já está farto dessas famílias mescladas e bastardas que não constituem um povo. O que lhe falta é o sangue, a atividade, a ciência da Europa.”*<sup>372</sup>
- *“Porque não procurar atrair os capitais europeus, garantindo-lhes por venda ou hipoteca, nos trechos mais ricos de seus domínios?”*<sup>373</sup>
- *“O pensamento deste livro é único. Viagens, estudos, debates, polémicas, tudo converge, tende*

---

<sup>368</sup> – Ibid., p. 41.

<sup>369</sup> – RIBEYROLLES, Charles de, *BRASIL PITORESCO*, Volume II, Editora Itatiaia, Belo Horizonte, p. 23.

<sup>370</sup> – Ibid., pp.: 80/81

<sup>371</sup> – Ibid., p. 98.

<sup>372</sup> – Ibid., p. 148.

<sup>373</sup> – Ibid., p. 195.

*ao mesmo fim: a colonização. (...) o Brasil periga. E força agir.*”<sup>374</sup>

- “A ciência faculta engenhos de potência e precisão que trabalhariam melhor e mais depressa (...) Se quiserdes, fugindo à tradição rotineira, aplicar as energias industriais, as forças mecânicas, será necessário pedir à ciência, às indústrias, aos ofícios seus agentes profissionais.”<sup>375</sup>

Mas essa idiossincrasia não seria “virtude” dos estrangeiros, como sabemos. E isso, fica evidente no testemunho, por exemplo, de Augusto Emílio Zaluar, um brasileiro em viagem pelo interior de São Paulo, em 1860, que descreveu com cores não muito lisonjeiras as atividades e atitudes do caipira. Este, segundo Zaluar:

“Se não anda nas suas aventurosas excursões, encontrá-lo-ei sentado à porta do lar, fumando seu cigarro de fumo mineiro e olhando o seu cavalo, que ruma, tão preguiçosamente como ele, a grama da estrada. Esta gente mais aguerrida que agricultora, não trabalha, lida; e a sua atividade não produz, consome-se.”<sup>376</sup>

Tais relatos, pela atualidade, falam por si só. São por demais evidentes os “desvios” no olhar provocados pela megera cartesiana. Tais desvios, são evidentemente percebíveis e carecem de um aprofundamento, ainda que breve.

#### **IV.2.5: Um olhar sobre os olhares**

A alteridade descrita, invariavelmente, não é assimilável, nem na essência nem em suas partes, às realidades do *mundo* de origem daquele que *olha*: o “outro” assume a forma de seres bizarros, exóticos mas,

---

<sup>374</sup> – Ibid., p. 197.

<sup>375</sup> – Ibid., p. 248.

<sup>376</sup> – ZALUAR, Augusto Emílio, *PEREGRINAÇÃO PELA PROVÍNCIA DE SÃO PAULO (1860-1861)*, Editora Itatiaia/EDUSP, Belo Horizonte, 1975, p. 48.

principalmente, a forma de seres **carentes**. Não houve um *estar-com-o-outro*.

A *megera* se impõe e a ausência da emoção, da subjetividade, de descrições poéticas, tornam-se elementos indicadores de credibilidade, esse é o “método”.

O relato então deixa de ser relato e assume o *status* científico de “pesquisa” ou, melhor ainda, “executive report”. E a partir de respostas a questionamentos do tipo “como?” e seus correlatos, deve ser uma fonte segura de informações sobre “este” mundo, através de um processo racional de investigação que expressa uma “relação especial” – de neutralidade e objetividade – com o mundo que se observa: antes de ser objeto de admiração ou aproximação deve se constituir em objeto de conhecimento que, da forma como é concebido, pressupõe distanciamento. A *issificação* “pura” como tal

Com esse distanciamento ante ao “desconhecido”, perde-se muito. Principalmente a possibilidade de encontrar uma realidade humana que é diferente e exterior e que pode gerar a abertura para um mundo não demarcado pelos valores ou interesses daquele que *olha*. Enfim, perde-se o conhecimento e o auto-aprendizado advindos da **relação** concreta e *metamorfoseante* com o “outro”: o *estar-com-o-outro*. Simplesmente isso.

Entretanto, como reagir conforme nossos valores ou significados apreendidos nada tem propriamente de egoísmo ou de uma “maldade original” – trata-se de uma necessidade da reação. Para haver um encontro com o “outro”, então, é preciso que haja uma ruptura com a cadeia de significados que condicionam nossas ações e uma abertura para um mundo exterior e irredutível a essas interpretações e pensamentos.

Já falamos de Martin Buber e do quanto para ele a autenticidade do eu é referida à relação – eu sou autêntico quando consinto a presença desta alteridade. E, dando continuidade àquela abordagem introdutória, para que o encontro com o “outro” assuma o caráter de uma relação dialógica – um *estar-com-o-outro* – seria, primeiro, necessário que nos deslocássemos do domínio do “essencialmente pragmático”. Seria preciso um tempo maior para

as reações, a fim de desfazer a relação entre os signos do “mundo” e os significados apreendidos e julgados “naturais” ou universais.<sup>377</sup>

“Cada um de nós está preso numa couraça, cuja tarefa é repelir os signos. Signos nos acontecem sem cessar. Viver significa ser alvo da palavra dirigida; nós só precisaríamos tornar-nos presentes, só precisaríamos perceber. (...) Cada um de nós está preso numa couraça que, graças à força do hábito, deixa logo de sentir. São apenas instantes que atravessam essa couraça e que incitam a alma à repetitividade.”<sup>378</sup>

Uma relação desse tipo parece ser “tensa” – a receptividade a um mundo não demarcado pelos nossos interesses, nossos valores, e um mundo sempre presente e que nós não percebemos – pelo caráter de nossa atenção e pelo “produto” dessa mesma atenção: do pensamento e da interpretação ou melhor, da construção mental, que vai propiciar a reação. Mas o “inter-humano” *buberiano*, como já vimos, aponta para uma *terceira* possibilidade relacional e, para Buber, assim é (ou deveria ser) o objetivo *primeiro* do pensamento:

“Quando é que a ação de pensar suportará, incluirá, terá por objeto a presença de quem vive face a nós? Quando é que a dialética do pensamento se tornará dialógica?”<sup>379</sup>

A constatação *buberiana* – a *relação dialógica com o outro humano* – pressupõe um diálogo com o acontecer do mundo – também fala por si só, e, na atualidade, joga luzes sobre aquela nossa elite *herodianizada* que teima em sempre nos enxergar, também (e ainda), como seres *carentes de carências por ela identificadas e definidas*. Mas por que *ela* nos enxerga assim?

A partir do pensamento dominante de que o homem *civilizado* se define pelo trabalho, de que a riqueza de uma nação está na capacidade de empreender de seu povo – de *fazer as coisas* –, emerge uma série de

---

<sup>377</sup> – Aqui, ressaltamos, Martin Buber “dialoga” sobremaneira com o dito de Guimarães Rosa de que para entender a brasilidade é preciso antes de tudo aprender a reconhecer que a sabedoria é algo distinto da lógica.

<sup>378</sup> – BUBER, Martin, DO DIÁLOGO E DO DIALÓGICO, op. cit., p. 43.

<sup>379</sup> – Ibid., p. 63. [grifos nosso]

referências, principalmente, à indolência e imprevidência. Primeiramente, porque não é qualquer trabalho que revela a humanidade, mas um trabalho regular, metódico, disciplinado, e principalmente, *organizado*, que vise algo para além da satisfação das necessidades existentes, e que “transforme” o mundo, *consumando a história*. Além do mais, se quer também, e em suma, *um amor pelo trabalho*<sup>380</sup>.

Na época atual, como vimos, essa condição passa a um *status* de um “novo” processo civilizatório imposto. O que alguns pensadores fizeram foi principalmente historicizar essa concepção do trabalho – assim como frisar o caráter “moderno” desta postura em relação ao trabalho, ao tempo e à vida – frente a todas as outras culturas, qualificadas, a partir de então, como sociedades tradicionais. O que fizeram foi apreciar essas sociedades não simplesmente como portadoras de elementos retrógrados, mas de uma realidade *naturalmente* “anti-capitalista” e “pré-moderna”.<sup>381</sup>

Os brasileiros, no geral, são considerados então indolentes não porque não trabalhem de modo algum, mas porque o trabalho não é considerado o fim último de suas existências. Sua finalidade não é gerar um progresso dos bens materiais e das técnicas. Suas atividades se auto-regulam pelas necessidades cotidianas, submetidas a variações de ritmo e de frequência. Não são atividades ininterruptas reguladas por um tempo abstrato – se sim, é por absoluta necessidade. A finalidade desses modos de vida portanto, não é a transformação contínua, mas a repetição das mesmas condições de existência. A indolência assim, explica as mais diversas atitudes consideradas negativas. São considerados indolentes pelos mais variados motivos e principalmente porque não pensam em progredir, em incorporarem métodos

---

<sup>380</sup> – Por aqui, é comum em qualquer mesa de bar ou roda de amigos, por exemplo, o tom de piada para a máxima “trabalho por prazer”: a gargalhada é geral.

<sup>381</sup> – Segundo Weber, a máxima “tempo é dinheiro”, atribuída a Benjamin Franklin, que regeu toda a formação de um povo como o norte-americano, “*teria sido proscrita como o mais baixo tipo de avareza e como atitude inteiramente desprovida de auto-respeito, tanto na Antiguidade como na Idade Média, sendo, geralmente, ainda assim consideradas por todos aqueles grupos sociais que estão pouco envolvidos pelas condições do capitalismo moderno ou pouco adaptados a elas.*” WEBER, Max, *A ÉTICA PROTESTANTE E O ESPÍRITO DO CAPITALISMO*, op. cit., p. 35.

racionais e eficientes de trabalho que aumentariam sua produtividade. Enfim, por que desperdiçam tempo.

Max Weber, como já vimos anteriormente, encontra nessa postura um traço comum às sociedades não capitalistas. Daí ele recoloca a dicotomia trabalho/indolência: o que precisa de uma história, o que precisa ser explicado é justamente a tese de que a essência do homem é o trabalho, já que em todas as sociedades anteriores esse traço não é encontrado. E, para explicar esse traço exclusivo da sociedade capitalista é que se reporta aos movimentos da Reforma: encontrando traços e máximas que ressoam com essa moral do trabalho e que se opõem radicalmente, como vimos também, às concepções da Antiguidade, e dos católicos – inclusive dos povos católicos contemporâneos à Reforma.

A indolência não é oposta ao trabalho nem ao esforço, mas a um trabalho racional com caráter sistemático visando uma transformação constante da existência. Junto ao valor concedido ao trabalho se interpõe uma nova representação do tempo, que, a partir da moral protestante, passa a ser vivenciado como uma variável independente e controlável. A incorporação da ideia de que o “tempo é dinheiro” e de que o trabalho regular e metódico é revelador da essência do homem, gera, pois, a interpretação de desperdício e falta de racionalidade em economias e vidas centradas em outros princípios, em outras *paisagens*. A perda de tempo então, passa a ser o principal dos “pecados”.

A incorporação dessa moral do trabalho junto à representação do tempo, que lhe é inerente, gera então a negatividade absoluta de economias que se regem por outros princípios e por outros *ambientes*: são atrasadas, pré-modernas, ineficientes, indolentes e imprevidentes. Portanto, *carentes de desenvolvimento*.

“Os brasileiros são indolentes e imprevidentes: não trabalham e não pensam no futuro”, é o jargão preferido.

Não pensar no futuro significa não pensar no tempo como algo que pode ser economizado, controlado e desperdiçado. Algo que deve ser preenchido pelo trabalho metódico, visando um futuro radicalmente diferente do presente e do passado, principalmente no que se refere à possibilidade de aquisição contínua de bens materiais: prova cabal que revela e indica prosperidade, civilização e, até mesmo, a *verdadeira* “felicidade”.

Enfim, o colonizador português – com seu *personalismo* –, como vimos também, atualizou a ordem do “semeador”, aquele que não se compõe

com trabalho sistemático, mas que se faz com certa liberdade, sem muita rigidez e pouca previdência. E, se aos ibéricos católicos – no geral<sup>382</sup> –, nada os faria *torcer a ordem da natureza*, ao contrário, a ideia emergente, e “vitoriosa”, do Ocidente industrial e protestante – invariavelmente anglo-saxão – é justamente o controle absoluto e sistemático da natureza através de trabalhos e de técnicas racionais<sup>383</sup>. O modelo de homem então é o homem

---

<sup>382</sup> – Assinalamos anteriormente que a *ordem semeadora de colonização*, Sérgio Buarque atribuiu aos portugueses diferenciando-os dos espanhóis – notadamente a partir do quesito “construção de cidades”. Mas também assinalamos e ressaltamos anteriormente também, e por várias vezes, que Max Weber reserva ao catolicismo ibérico uma clara oposição à ética protestante no tocante ao racionalismo econômico: “*Isto porque, o racionalismo econômico, embora dependa parcialmente da técnica e do direito racional, é ao mesmo tempo determinado pela capacidade e disposição dos homens em adotar certos tipos de conduta racional.*” [p. 11]. Além disso, “*O católico é mais tranquilo, tem menos impulso aquisitivo; prefere uma vida, a mais segura possível, mesmo que isso implique em uma renda menor.*” [p. 23] Enfim, “*a organização racional da vida econômica, que depende da previsão do futuro, tem, em certo sentido, um paralelo no campo da vida religiosa.*”[p. 97] In WEBER, Max, *A ÉTICA PROTESTANTE E O ESPÍRITO DO CAPITALISMO*, op. cit. [grifo nosso]

<sup>383</sup> – Sérgio Buarque, de forma primorosa, distingue os povos ibéricos dos anglo-saxões em função da diferença de relação frente ao trabalho: “*Um fato não se pode deixar de levar em consideração no exame da psicologia desses povos (os ibéricos) é a invencível repulsa que sempre lhes inspirou toda moral fundada no culto ao trabalho. Sua atitude normal é precisamente o inverso da que, em teoria, corresponde ao sistema do artesanato medieval, onde se encarece o trabalho físico, denegrindo o lucro, o ‘lucro torpe’. Só muito recentemente, com o prestígio maior das instituições dos povos do Norte, é que essa ética do trabalho chegou a conquistar algum terreno entre eles. Mas as resistências que encontrou e ainda encontra têm sido tão vivas e perseverantes, que é lícito duvidar de seu êxito completo.*” HOLANDA, Sérgio Buarque de, *RAÍZES DO BRASIL*, op. cit., p. pp: 9/10. Aqui fica o registro do dito anteriormente a respeito das mudanças no capitalismo contemporâneo e suas *novas* “dinâmicas” privilegiando outras éticas – mais flexíveis e mais relacionais –, que não a protestante, a provocar um desenvolvimento econômico evidente, por exemplo, em Espanha e Portugal

prático e previdente que se volta essencialmente para a ação – e nela, busca incansavelmente o sucesso! –, age movido por “necessidades outras” – as *PECs* de McClelland, por exemplo – e que percebe do mundo o que é passível de utilidade: em suma, o *entrepreneur* (ou melhor, o *self-made-man*, aliás, os dois são a mesma coisa!).

Mas, para que não pareça que estamos imbuídos de uma mesma *negatividade*, dois depoimentos – dois *olhares* –, também de *viajantes* por aqui em tempos mais recentes, poderá demonstrar o otimismo que nos move nessa *travessia*. Um primeiro de Louis Jacques Filion – já conhecido nosso.

“O Brasil está sentado em cima de uma das maiores riquezas naturais do mundo ainda relativamente pouco explorada: o potencial empreendedor dos brasileiros.”<sup>384</sup>

Outro, de Ebehart Baerenz (ao ser questionado por mim, via e-mail, sobre quais as características empreendedoras mais marcantes que ele observou/observa entre os brasileiros), atual Consultor da alemã GTZ e que foi o responsável pela implantação do Método CEFÉ por aqui em 1988:

“primeiro, a criatividade enorme do brasileiro e segundo o prazer em fazer coisas novas, brincar um pouco, experimentar. Isso na minha percepção era e é muito mais desenvolvido aqui no Brasil do que na grande maioria dos outros países que tenho trabalhado. Nessa terra fértil tem crescido a idéia de empreendedorismo que hoje é forte, e pode ser mais ainda.”<sup>385</sup>

---

(dentre outros). Ele se enganara? Não! (pelas mesmas razões apontadas anteriormente também para Max Weber).

<sup>384</sup> – Louis Jacques Filion na Palestra de Abertura do evento *O EMPREENDEDORISMO COMO TEMA DE ESTUDOS SUPERIORES*, CNI – IEL Nacional, Brasília, Maio/1999. E é citada também em DOLABELA, Fernando, *EMPREENDEDORISMO, A PERGUNTA RECORRENTE: E DEPOIS QUE APRENDERMOS A FAZER O PÃO?*, in Revista Aminoácidos, AED, Brasília, 2001, pp: 82/90, p. 89.

<sup>385</sup> – Embora já conhecesse Ebehart Baerenz desde 1988 quando da implantação do “Projeto GERAR” pela SETAS-MG (numa relação estritamente profissional em que eu estava “do outro lado”), no ano de 2002 tive o privilégio de trabalhar novamente

Os dois depoimentos, a partir de nomes importantes no cenário do empreendedorismo mundial, nos municiam para pensar melhor nossas diferenças e singularidades no sentido de articulá-las como verdadeiras *terceiras possibilidades*.

Por fim, nossa sugestão portanto, em vez de tentarmos soluções e sínteses apressadas, é a de qualificarmos nosso atraso, torná-lo relativo, determinado. E isso será fundamental para que, no mínimo, possamos compreender o que constitui a modernidade em relação a qual nosso atraso é contraposto.

“O espelho de próspero tem nos impedido de ver criticamente uma imagem do homem cordial sem a negatividade absoluta do atraso e do anacronismo. O histórico ‘não-reconhecimento de valores positivos na herança ibérica’ prejudica o exame lúcido dos limites e das

---

com ele em alguns projetos do ICCAPE. Mas, desta vez como *cefista*. Nessa oportunidade conversamos muito sobre “os rumos do empreendedorismo no Brasil e no mundo”. Depois, em 19/09/02, fiz uma “entrevista formal” com Baerenz – no sentido de montar uma “memória” do empreendedorismo brasileiro – via e-mail [e@baerenz.net], em que pedi que ele relatasse sua experiência ao redor do mundo em trabalhos pela GTZ com o Método CEFÉ e “fechasse” com algumas impressões sobre sua experiência por aqui, além das principais características dos brasileiros no tocante ao empreendedorismo. Em sua resposta ele relata os “embates” com a *esquerda* (da qual eu fazia parte, como já dito anteriormente) que o tratava como um “capitalista”. Cita a participação e a importância do “Mãos de Minas”, do Centro CAPE, do SEBRAE-MG e da FASE no processo do empreendedorismo brasileiro e “fecha” com o texto citado. Ressalto também que atualmente estamos num projeto, coordenado por ele, de implantação de uma Faculdade voltada para a criação e o desenvolvimento de empreendimentos (nos I, II e III setores) pelo ICCAPE na cidade de Belo Horizonte-MG e com a chancela da GTZ e do *CEFÉ INTERNACIONAL* pois será a primeira experiência mundial de um curso ao nível de graduação baseado no Método CEFÉ. Tal projeto está em processo de regulamentação junto ao MEC e fui indicado como Diretor Executivo pelos “proprietários” da ideia (como consta na documentação encaminhada ao MEC).

possibilidades do desenvolvimento brasileiro, com todas as suas desigualdades, contradições e ambiguidades.<sup>386</sup>

### IV.3: SISTEMA DE VALORES À BRASILEIRA

O nosso sistema de valores, enquanto tal, emerge e perpassa todas aquelas *interpretações* e *olhares* sobre a *brasilidade*, quer sejam provenientes da literatura – com a sua produção de heróis, principalmente<sup>387</sup> –, quer seja através daquela “sociologia oficial”, acrescida dos olhares “informais” percebidos no dia-a-dia, tanto ontem quanto hoje, e partir de olhos *nossos* ou *deles*. Portanto, ainda que de forma *virtual*, o sistema de valores que marca nosso empreender já se faz presente nessa *travessia*.

Abordaremos nosso sistema de valores então, a partir de duas *variáveis*, para nós, de extrema significação, pois elas “dialogam” com a condição humana do nosso *homo imprehendedor* – ele, *para sonhar e buscar realizar seu sonho*<sup>388</sup>, tem de se relacionar com o mundo e com as pessoas através do trabalho e da ação e, para tanto, tem também de estar vivo para demonstrar sua excelência (a sobrevivência?!) na esfera pública e receber o mérito devido.

Os valores portanto, que emergem a partir de nossa ética do trabalho e aqueles provenientes de nossa ideia de meritocracia se constituem nas duas variáveis pretendidas. Ambas já tratados – *já tiveram suas bolas levantadas* –, mas que carecem de alguns aprofundamentos. E as duas, que estão intimamente ligadas – não se sabendo até *quem veio primeiro* –, apontam e conformam o empreender na condição brasileira. Como veremos à frente.

---

<sup>386</sup> – MACIEL, Maria Lúcia, AS RACIONALIDADES DO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO, in SOUZA, Jessé (org.), O MALANDRO E O PROTESTANTE. A TESE WEBERIANA E A SINGULARIDADE CULTURAL BRASILEIRA, op. cit., pp: 211/221, p. 221.

<sup>387</sup> – Tanto a literatura “oficial” quanto a “não oficial” e de cunho popular – lendas, *causos*, revistas, etc. Como Guimarães Rosa fez tão bem e como também David McClelland ressaltou e pesquisou de forma rigorosa, como vimos anteriormente. Além da importância ressaltada no caso da sociedade americana e seus heróis.

<sup>388</sup> – Aqui já adotamos o “conselho” de Guimarães Rosa e adotamos uma concepção de empreendedor a partir da *brasilidade rosiana* por isso, entre a visão – mais racional, conforme Filion anteriormente – e o sonho, ficamos com este.

### IV.3.1: Raízes de nossa ética do trabalho

Nosso pensamento social e político – marcado pela *megeira cartesiana* –, como vimos, jamais cansou de registrar, no sistema de valores da cultura ibérica, que a dignidade e o *status* de um homem estavam mais relacionados à sua ociosidade do que à sua ocupação. O ibérico não se vê representado pelo trabalho manual e mecânico, tem verdadeira aversão. A atividade produtora – *vita activa* – é sempre menos relevante que as da *vita contemplativa* – mas não pelas atividades do espírito “especulativo”: “o gosto desordenado e imprevidente da pecúnia”<sup>389</sup>. Portanto, quem não era forçado a trabalhar o fazia apenas quando absolutamente necessário, visto que nenhum benefício adviria de qualquer atividade. E quando a necessidade *batia*, fazia qualquer atividade, qualquer coisa que trouxesse o básico para consumir, *se virava*.

Para um melhor entendimento da ética do trabalho brasileira, vamos retroceder no tempo – até para acrescentar e reafirmar alguns aspectos já vistos como o *zero histórico* ibérico de Sérgio Buarque de Holanda. No sentido então da busca de *heranças* que, de certa forma, repercutiram – e repercutem – no nosso empreender, o ponto de partida será o sistema colonial. E, nesse sentido, foram os Padres Jesuítas – os *Soldados de Cristo e da Contra Reforma*<sup>390</sup> –, de fato, através de sua obra missionária, quem principiou o que chamaremos de primeira ação sistemática no sentido da formação de mão-de-obra brasileira – os pioneiros e os responsáveis pela nossa inserção no “mundo do trabalho”.<sup>391</sup>

---

<sup>389</sup> – Sobre esse assunto também é interessante assinalar, mais uma vez, a Nota 3 do Capítulo 4 de “Raízes do Brasil” – “*Aversão às virtudes econômicas*”. HOLANDA, Sérgio Buarque de, op. cit., p. pp: 96/99.

<sup>390</sup> – O que caracterizou a ação da Companhia de Jesus – uma instituição de origem nitidamente ibérica, espanhola –, após o Concílio de Trento, foi o combate às ideias de Lutero e Calvino. HOLANDA, Sérgio Buarque de, *RAÍZES DO BRASIL*, op. cit., p. 9.

<sup>391</sup> – Mas, ressaltamos, “*Na América Portuguesa, entretanto, a obra dos jesuítas foi uma rara e milagrosa exceção*” pois, Sérgio Buarque ao aludir à “organização” racional dos Jesuítas em suas reduções: “*Estes não só introduziram na cultura material das missões, ‘fabricando’ cidades geométricas, (...) como o (o) pensamento de que o curso das coisas e da história não só acontece como pode ser*

"Os ofícios dos meninos índios, que aprenderam sob o amparo das Padres e ficaram na Bahia e vilas do litoral, é sem dúvida a primeira página do trabalho civilizado, que sem ser português do Reino, se diferencia do primitivo indígena: quer dizer, já é trabalho brasileiro. E assim tudo principiou no Brasil." <sup>392</sup>

Essa obra missionária dos Jesuítas, árdua e ardilosa, representa um contexto de ações e medidas que, efetivamente, nos apresenta como base para o desenvolvimento das atividades produtivas no Brasil, ainda que eivada de preconceitos senhoriais. Haja visto a exacerbação por eles na *atualização* do "preconceito aristotélico das artes mecânicas" que os fez ensinar ofícios somente aos índios, negros, mulatos, cafuzos e mamelucos: *à gentilha* <sup>393</sup>.

A primeira forma de exploração da terra (e da gente) do Brasil pelo colonizador ávido por riquezas – um capitalismo comercial em expansão – constituiu, principalmente, no comércio de madeiras extraídas pelos índios e trocadas com os portugueses pelos mais variados objetos e utensílios.

Era insuficiente toda a mão-de-obra disponível para desbravar, construir e cultivar na terra imensa, determinando o fluxo abundante da escravidão africana (recurso este, velho conhecido dos colonizadores).

---

*dirigida e até fabricada – o traço do “ladrilhador” hispânico) estenderam até às instituições.” In HOLANDA, Sérgio Buarque de, RAÍZES DO BRASIL, op. cit., p. 64.*

<sup>392</sup>- LEITE, Padre Serafim, *ARTES E OFÍCIOS DOS JESUÍTAS NO BRASIL*, Editora Brasileira, Lisboa, 1953, p. 17.

<sup>393</sup> – Aristóteles é muito claro sobre o assunto no parágrafo primeiro do segundo capítulo, Livro Quinto, em *A POLÍTICA*, Coleção Universidade de Bolso, EDIOURO, Rio de Janeiro, 1988, p. 100: "*Aliás, não é difícil perceber que, entre as coisas úteis, é preciso que se esteja a par principalmente daquelas que são de incontestável necessidade, e é igualmente óbvio que nem todas devem ser ensinadas, pois muitas há de uso liberal, outras que não convém a homens livres. Devem-se, pois, ministrar aos jovens apenas os conhecimentos úteis que lhes imponham um gênero de vida sórdida e mecânica? Ora, deve-se considerar como mecânica toda a arte, toda a ciência que impossibilita para os exercícios e para a prática da virtude o corpo dos homens livres, ou a sua alma, ou a sua inteligência. Eis por que nós chamamos mecânicas todas as artes que alteram as inclinações naturais do corpo, e todos os trabalhos que são mercenários; porque não deixam ao pensamento nem liberdade, nem dignidade.*" [grifos nosso]

O compromisso que aqueles colonizadores que para cá vinham, com a única intenção de enriquecer o mais rápido possível, assumiam com o Reino é muito claro:

"Juro que não farei nenhum trabalho manual enquanto conseguir um só escravo que trabalhe para mim, com a graça de Deus e do Rei de Portugal".<sup>394</sup>

O que demonstra que o próprio Reino tudo fazia para impedir a dignificação da atividade manual<sup>395</sup> e nos dá a dimensão e a profundidade das marcas deixadas nas atividades produtivas no Brasil pelo projeto de colonização português – além de, obviamente, no *nosso modo* de empreender através da imposição, já naquela época, do *se vira, dá um jeito*.

Uma vez que os braços se recusavam às atividades manuais (mas nem por isso ou apesar disso não deixassem de buscar o enriquecimento por meio delas) eram os negros cativos que, praticando os mais diversos ofícios, ganhavam para os seus donos o pagamento recebido pelos serviços que executavam, havendo entre eles os que se obrigavam a uma contribuição para o senhor, diária ou mensal, cabendo-lhes a sobra do ganho com que, mais tarde, conseguiam (talvez) comprar a alforria.

Eram esses os chamados *negros de ganho* e o testemunho de John Luccok<sup>396</sup>, cronista da época, nos diz que:

"deu isso motivo a que surgisse nova classe social, composta de pessoas que compravam escravos para o fim específico de instruí-los n'alguma

---

<sup>394</sup> - Citado em PRADO, Paulo, in *RETRATO DO BRASIL. ENSAIO SOBRE A TRISTEZA BRASILEIRA*, Editora Brasiliense, São Paulo, 1994 [1928], p. 48. Tal fato também é citado em Viana Moog.

<sup>395</sup> – Fato esse também apontado por Viana Moog, dentre outros, conforme assinalamos anteriormente.

<sup>396</sup> – Segundo o autor, no início do século XIX na cidade do Rio de Janeiro: "Toda casa que se prezava era provida de escravos aos quais se havia ensinado algumas ou mais artes comuns a que pertencem, como era também alugados pelos senhores a pessoas não tão bem providas quanto eles." In LUCOCK, John, *NOTAS SOBRE O RIO DE JANEIRO*, Editora Itatiaia, Belo Horizonte, 1967, p. 47.

arte útil ou ofício, vendendo-os em seguida por preço elevado, ou alugando seus talentos e trabalhos." <sup>397</sup>

Assim,

“qualquer pessoa com fumaças de nobreza podia alcançar proveitos derivados dos trabalhos mais humildes sem degradar-se e sem calejar as mãos." <sup>398</sup>

E mesmo durante o Império não causava estranheza a publicação de anúncios assim nos jornais:

"Vende-se, não por vindita, um vistoso moleque de Nação, oficial sapateiro, o qual paga pontualmente a sua semana, e tem excelentes qualidades", ou: "J.J. Melo Cachoeira precisa alugar um escravo cozinheiro e outro para emprego em serviços domésticos", ou ainda: "Aluga-se um preto bom cozinheiro, e também entende de padeiro, bom para todo serviço de uma casa." <sup>399</sup>

E, desse modo,

"O trabalho manual passava então a ser 'coisa de escravos' ou 'repartição de negros' e, por uma inversão ideológica, os ofícios mecânicos passavam a ser desprezados, como se houvesse algo de essencialmente aviltante no trabalho manual, quando a exploração do escravo é que o era. Para o objeto da exploração escravista, não poderia haver, por certo, motivo algum para valorizar o trabalho naquelas relações. A quebra das relações pela fuga do domínio do senhor, inaugurando uma 'vida livre', era uma solução frequentemente

---

<sup>397</sup> - LUCOCK, John, NOTAS SOBRE O RIO DE JANEIRO, op. cit., p.52.

<sup>398</sup> - HOLANDA, Sérgio Buarque de, RAÍZES DO BRASIL, op. cit., p. 29. O que denota uma das facetas do “espírito especulativo” do português ibérico.

<sup>399</sup> - VIANNA FILHO, Luiz, *O NEGRO NA BAHIA*, apud PEREIRA, Carlos José da Costa, *ARTESANATO – DEFINIÇÕES E EVOLUÇÃO. AÇÃO DO MTb – PNDA*, Ministério do Trabalho, Coleção XI, Planejamento e Assuntos Gerais, Brasília, 1979, p. 47.

procurada. Mas, o trabalho continuava sendo definido como um castigo e o ócio, um alvo altamente desejável. Quando libertos, de fato ou de direito, os ex-escravos aceitavam sobreviver nas condições materiais do escravo, trabalhando o menos possível. O resultado foi um generalizado preconceito contra o trabalho manual. Mostrar-se livre era distanciar-se o mais possível do lugar social do escravo."<sup>400</sup>

Mas, de forma geral, desse modo nenhum homem “livre” queria exercer uma atividade que era “coisa de escravo”. Com isso, a aprendizagem de ofícios por exemplo acabou sendo imposta a quem não tinha meios de resistir: os órfãos, os abandonados, os miseráveis. O que, por sua vez, reforçou aquele desvalor. Desse modo, tal atitude tem muito a ver com mérito (que não havia) na excelência do desempenho de um qualquer trabalho. Desvalor esse que percebemos ainda hoje de formas as mais variadas, explícitas ou subjacentes.

Portanto, e sintetizando a questão, o trabalho não era indigno porque feito por escravos; mas era feito por escravos justamente por ser indigno<sup>401</sup>. E o preço de ter sido o último país a abolir a escravidão ainda é hoje pago pelos afro-descendentes na forma de uma desigualdade que afronta a ética.

Esse (des)valor tradicionalmente atribuído ao trabalho – um *demérito* – transformou a nossa *variável trabalho* num “princípio abstrato” de economia e num “personagem fictício” de nosso sistema de mobilidade social.<sup>402</sup> Assim, aqueles que enriquece e “sobe” pelo trabalho, por aqui é visto “*quase como indivíduos cuja fortuna fosse antes anomalia do que triunfo: triunfo merecedor de consagração nacional*”<sup>403</sup>.

---

<sup>400</sup> – CUNHA, Luiz Antônio, *O ENSINO DE OFÍCIOS ARTESANAIS E MANUFACTUREIROS NO BRASIL ESCRAVOCRATA*, Editora UNESP / FLACSO, Brasília, 2000, p. 16.

<sup>401</sup> – O assunto é tratado de forma aprofundada em KOVARICK, Lúcio, *TRABALHO E VADIAGEM. A ORIGEM DO TRABALHO LIVRE NO BRASIL*, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1994.

<sup>402</sup> – BARBOSA, Livia, *IGUALDADE E MERITOCRACIA. A ÉTICA DO DESEMPENHO NAS SOCIEDADES MODERNAS*, op. cit.

<sup>403</sup> – FREYRE, Gilberto, *PESSOAS, COISAS E ANIMAIS*, Editora Globo, Porto Alegre, 1981, p. 371.

Pois, trabalho e enriquecimento estão mais associados a exploração e malogro, aventura e risco, sorte e corrupção do que a determinação, acumulação, recompensa e investimento de longo prazo. Trabalho duro, ascensão social e enriquecimento pessoal nunca fizeram parte de qualquer enredo de estória com credibilidade no imaginário nacional. E, por outro lado, a categoria trabalhador na atualidade, representa mais uma opção moral do que um mecanismo de mobilidade social vertical (como vimos na sociedade americana anteriormente). No geral, distingue o bandido e o traficante do honesto trabalhador pai de família.<sup>404</sup>

Tais estigmas, mais o traço de profundo ceticismo que envolvem as histórias de indivíduos de sucesso, apontam e acrescentam uma outra postura negativa evidente frente ao fracasso: o medo de errar.<sup>405</sup>

Enfim, esse é o legado à nossa ética do trabalho. E o demérito advindo dessa “ética” confirma então o nosso “dilema” apontado por aquela *sociologia oficial da inautenticidade* mas, principalmente, municia também de argumentos a nossa elite *herodianizada*, que só tem *olhos para o Norte*. Mesmo por não “entenderem” a mensagem contida no dilema proposto por (alguns) intérpretes daquela *sociologia*: somos *diferentes*, não *atrasados*.

#### **IV.3.2: A inautenticidade do mérito e do desempenho**

Com relação ao mérito propriamente dito já vimos, *apud* Sérgio Buarque, a ética *personalista* – com seu caráter anti-tradicional e *democrático* – a produzir uma peculiar ideia de mérito que também

---

<sup>404</sup> – BARBOSA, Livia, *IGUALDADE E MERITOCRACIA. A ÉTICA DO DESEMPENHO NAS SOCIEDADES MODERNAS*, op. cit. Reina aqui por exemplo, uma lenda de que o profissional autônomo é um desempregado disfarçado; outra, de que aqueles que possuem negócio próprio, o negócio tem ser no mínimo uma “média-empresa”, senão... – é *disfarce* de desempregado também.

<sup>405</sup> – O Relatório GEM monitora e trabalha com tais variáveis de cunho sociocultural – atitudes frente ao fracasso/sucesso, seu e do “outro” – no sentido de mensurar uma “Legitimidade Social” para o empreendedor e suas atividades. Tais atitudes são fatores intervenientes: favorecem ou dificultam a atividade empreendedora. A frente pretendemos detalhar mais esse assunto mas, desde 2000 tem-se percebido, conforme dados levantados pelos pesquisadores do GEM, uma melhora significativa em relação a tais fatores embora eles ainda existam e são preponderantes por aqui.

sobrepunha-se à ideia de privilégios herdados, mas de outra forma, visto que a tradição ibérica nos legou um *individualismo-amoral*, diferentemente do individualismo moral do puritano. Daí o mérito toma sentido *pessoal*, e não individual, como foi *explicado* anteriormente, *apud* Jessé Souza, ao abordar o pretense “engano” de Sérgio Buarque – mas é *coisa* que carece de aprofundamentos.

Vivemos em uma sociedade onde coexistem duas vertentes básicas de formação: a moderna, individualizante e igualitária; e a tradicional – *personalista* –, relacional e hierarquizante. A sociedade brasileira portanto, caracteriza-se por um *viés* semi-tradicional, com uma herança colonial extremamente forte, onde a segunda vertente domina a identidade e o comportamento social. E isso toca profundamente no nosso modo de ser, de agir e, principalmente, em nossas “táticas de vida” – ou no “por quê?” empreendemos .

Para abordar esse tema, vamos então, como no caso anterior, retroceder no tempo e tomar como ponto de partida o sistema colonial.

O nosso processo colonizador foi essencialmente rural, a *casa-grande* representou a célula embrionária de nossa sociedade, a matriz original das relações sócio-políticas brasileiras. Nela, o *Senhor* assumia o papel de patriarca, protegendo os familiares, os afilhados e os amigos. Estabelecia com os *homens-livres* uma relação senhorial de fidelidade e devoção, baseada em códigos de lealdade e obediência, e assumia também (e obviamente!) o domínio direto dos escravos. As leis que regiam o universo da *Casa-grande* eram as leis dos *Senhores*.

Por outro lado, o processo colonial brasileiro foi também marcado pela organização burocrática hierarquizada do Estado, onde leis rigorosas eram impostas de cima para baixo – de formas autoritárias até – por serem vistas como o grande instrumento do progresso, da mudança e do controle. O resultado portanto, da mistura dessas duas vertentes de formação social foi uma sociedade altamente hierarquizada, marcada pela mistura da esfera pública e da esfera privada, o que permitia aos *Senhores* e as pessoas relacionadas com o poder, ficarem às margens do rigorosos código de leis.<sup>406</sup>

---

<sup>406</sup> – DA MATTA, Roberto, *A CASA E A RUA*, Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1997. Ressaltamos que Roberto DaMatta, em toda sua obra, “continua” a análise da ética *personalista* mas, diferentemente de Sérgio Buarque (e, muito mais “próximo” de Gilberto Freyre), ao buscar nossa singularidade a partir – de forma no mínimo

Em uma sociedade altamente hierarquizada e centralizadora como a nossa, diversos são os “eixos de ascensão” e classificação social, sejam eles de natureza econômica, política, pessoal ou moral. Identidade e *status* social são definidos de acordo com a proximidade ao poder, ou melhor, de acordo com a relação com o poder. Enquanto nos EUA, por exemplo, a comunidade está fundada na ideia igualitária de seus membros, no Brasil, a comunidade é heterogênea, complementar e hierarquizada, sua unidade básica está nas relações das pessoas, nas famílias, nos grupos de amigos. O resultado é que,

“há uma nação brasileira que opera fundada nos seus cidadãos, e uma sociedade brasileira que funciona fundada nas mediações tradicionais.”<sup>407</sup>

Ao mesmo tempo também, somos herdeiros também de uma tradição liberal, individualista e igualitária, que se manifesta, principalmente, por uma forte influência em nossa estrutura legal e jurídica.

Embora tenha ficado claro que a meritocracia, enquanto tal, permeia toda a sociedade norte-americana permitindo que seu significado esteja presente a partir de qualquer ponto (instituições públicas ou privadas, universidades, práticas administrativas, etc.), foi no Brasil, antes mesmo dos Estados Unidos<sup>408</sup>, numa iniciativa do Estado, que ela toma a forma de lei. Na

---

interessante – das manifestações típicas de nosso cotidiano – o carnaval, o futebol, as procissões, etc. – para compor uma “sociologia do dilema brasileiro”.

<sup>407</sup> – DA MATTA, Roberto, *A CASA E A RUA*, op. cit., p. 86.

<sup>408</sup> – Conforme Livia Barbosa: *“Historicamente, a tensão entre mérito e relações pessoais e políticas como critério de admissão e mobilidade vertical nas organizações em geral, e nas públicas, em particular, não seria uma idiosincrasia brasileira. (...) Estados Unidos e Inglaterra passaram por tensões semelhantes. (...) Em ambos os países, tais constatações se seguiram a medidas que pouco antes já tinham estabelecido o fim jurídico desses sistemas; nos Estados Unidos, em 1883, com o Civil Act Service, e na Inglaterra, em 1853. Em ambos os casos, os esforços de reforma se fizeram por pressão de grupos de cidadãos. Nos Estados Unidos, a reforma teve início no nível municipal e depois chegou aos níveis estadual e federal, refletindo o que já ocorria na empresa privada. A racionalidade da sociedade industrial e sua filosofia de mérito já estavam sendo levadas para o âmbito do Estado por pressão da*

primeira Constituição brasileira, em 1824, seu artigo 179, item XIV, rezava que:

“Todo cidadão pode ser admitido aos cargos públicos civis, políticos ou militares, sem outra diferença que não seja por seus *talentos* e *virtudes*.”<sup>409</sup>

Entretanto, aquela Constituição que estabelecia um critério meritocrático para acesso aos cargos públicos para indivíduos que tivessem “talentos e virtudes”, não fornecia instrumentos para orientar a prática social nessa direção. Deixou aos diferentes órgãos do governo, através de disposições ordinárias, o estabelecimento de qualquer tipo de critério para identificar quais seriam essas *virtudes* e *talentos*. O que abriu espaço para que tal iniciativa, quando muito, se concretizasse apenas de forma parcial em função, por exemplo, da tradição de reservar cargos mais altos para as nomeações políticas<sup>410</sup>.

Por outro lado, essa mesma Constituição que apontava, de forma “pioneira”<sup>411</sup>, para um sistema meritocrático e igualitário; também estabelecia

---

*própria sociedade.” In BARBOSA, Livia, IGUALDADE E MERITOCRACIA. A ÉTICA DO DESEMPENHO NAS SOCIEDADES MODERNAS, op. cit., p. 64.*

<sup>409</sup> – apud BARBOSA, Livia, IGUALDADE E MERITOCRACIA. A ÉTICA DO DESEMPENHO NAS SOCIEDADES MODERNAS, op. cit., p. 49. [grifos da autora]

<sup>410</sup> – Essa “tradição” foi alvo de um conto de Monteiro Lobato em 1928, no qual um poeta fracassado pede emprego público a um chefe político. Quando o chefe oferece os cargos mais altos, o poeta diz preferir os cargos mais humildes e recebe como resposta: “mas para estes só com concurso”.

<sup>411</sup> – Conforme BARBOSA, Livia, IGUALDADE E MERITOCRACIA. A ÉTICA DO DESEMPENHO NAS SOCIEDADES MODERNAS, op. cit.: “Na China, o sistema de recrutamento de servidores para o serviço público teve início em 206 a.C. e subsistiu, com algumas modificações, até 1912. Os candidatos passavam por rigorosos exames escritos, e o apadrinhamento era evitado por meio de um sistema de números que garantia o anonimato. Além desse dispositivo para garantir a lisura do sistema, as provas passavam por três examinadores diferentes. Os exames eram muito concorridos. A relação candidato/vaga chegou a alcançar a proporção de 100 para um.”[Nota15, p.29] E ainda sobre o debate acerca do critério que uma sociedade deve adotar para preencher seus cargos administrativos e políticos: “Portanto, esse debate não surgiu com a modernidade ocidental, nem com o sistema econômico

– por exemplo, no Capítulo IV, artigos 92 e 94<sup>412</sup> – distinções entre os indivíduos para a concessão do direito de voto, apontando também para uma hierarquização baseada no *status* e na posição econômica.

Ao longo da história, a ideia de “indivíduo” recebeu a influência de duas vertentes interpretativas. A primeira, mais individualizante, concebe o “eu individual” como unidade filosófica e jurídica na qual se baseia a sociedade. Esta considera a parte como mais importante que o todo, e, sendo assim, a sociedade deve estar a serviço do indivíduo. A liberdade e a igualdade entre os indivíduos são seus lemas básicos. A outra, mais tradicional, se baseia na complementariedade das partes para formar uma totalidade única. O indivíduo encontra-se imerso na sociedade, e a ideia de “pessoa” está na sua relação com o todo. As duas vertentes são influenciadoras em todas as

---

capitalista. Podemos perguntar, porém, se essa sua natureza estrutural assume alguma especificidade na época contemporânea e nas sociedades industriais modernas. Certamente que sim. Tal especificidade resulta da diferença entre sistemas meritocráticos e ideologia meritocrática, bem como da estreita associação estabelecida entre meritocracia e uma categoria básica para a modernidade: a noção de igualdade.”[p. 31].

<sup>412</sup> – Artigo 92. São excluídos de votar nas Assembleias Paroquiais: i) os menores de 25 anos, nos quais se não compreendem os casados, e oficiais militares, que forem maiores de 21 anos, os bacharéis formados, e clérigos de ordem sacras; ii) os filhos de famílias, que estiverem na companhia de seus pais, salvo se servirem ofícios públicos; iii) os criados de servir, em cuja classe não entram os guarda-livros e primeiros caixeiros das casas de comércio, os criados da Casa Imperial que não forem de galão branco e os administradores das fazendas rurais e fábricas; iv) os religiosos, e quaisquer, que vivam em comunidade claustral; v) os que não tiverem de renda líquida anual 100 mil réis por bens de raiz, indústria, comércio ou empregos.

Artigo 94. Podem ser eleitores e votar na eleição dos deputados, senadores e membros dos conselhos de província todos os que podem votar na assembleia paroquial. Exceptuam-se: i) os que não tiverem de renda líquida anual 200 mil réis, por bens de raiz, indústria, comércio ou emprego; ii) os libertos; iii) os criminosos pronunciados em querela ou devassa. *In* CAMPANHOLE, A., CAMPANHOLE, H. L., *TODAS AS CONSTITUIÇÕES DO BRASIL*, Editora Atlas, São Paulo, 1976, p. 532.

sociedades, porém, em sociedades hierarquizantes e semi-tradicionais como a brasileira, a segunda vertente é dominante.<sup>413</sup>

De forma resumida, a ideia e a noção de “indivíduo” e “pessoa” – que são “produtos” destas duas vertentes –, dentre outras, traz as seguintes características: o *indivíduo* é livre, tem direito a espaço próprio, é igual a todos os outros, tem escolhas como um direito fundamental, a consciência é individual e faz as regras do mundo onde vive; a *pessoa* é presa à totalidade social a qual se vincula necessariamente, é complementar aos outros, não tem direito de escolhas, a consciência é social (a totalidade tem precedência) e recebe as regras do mundo onde vive.<sup>414</sup>

A noção de pessoa caracteriza-se como a vertente coletiva da individualidade, é como uma “máscara” que o indivíduo assume de acordo com seu papel social e posição nessa sociedade relacional. É interessante assinalar que no nosso dia-a-dia por aqui, predomina o entendimento de que as “pessoas” merecem solidariedade, ao passo que o “indivíduo” é o sujeito para quem as leis e a repressão foram feitas.

---

<sup>413</sup> – DAMATTA, Roberto, CARNAVAIS, MALANDROS E HERÓIS – PARA UMA SOCIOLOGIA DO DILEMA BRASILEIRO, Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1997.

<sup>414</sup> – Adaptado a partir de DAMATTA, Roberto, CARNAVAIS, MALANDROS E HERÓIS – PARA UMA SOCIOLOGIA DO DILEMA BRASILEIRO, op. cit., pp: 225/226. É interessante assinalar como “coincidem” as definições do empreendedor já vistas com a noção de indivíduo – ele é “produto” de uma sociedade racionalizada e portanto, dotado de atitudes racionais. E ainda, Roberto DaMatta mais a frente justifica tal “coincidência” também se apoiando em Max Weber: “Em formações sociais desse tipo (se referindo à brasileira), a oposição indivíduo/pessoa é sempre mantida, ao contrário das sociedades que fizeram sua ‘reforma protestante’, quando foram destruídos, como demonstra Max Weber, os mediadores entre o universo social e o individual. No mundo protestante, desenvolveu-se uma ética do trabalho e do corpo, propondo-se uma união igualitária entre corpo e alma. Já nos sistemas católicos, como o brasileiro, a alma continua superior ao corpo, e a pessoa é mais importante que o indivíduo. Assim, continuamos a manter uma forte segmentação social e tradicional, com todas as dificuldades para a criação das associações voluntárias que são a base da ‘sociedade civil’, fundamento do Estado burguês, liberal e igualitário, dominado por indivíduos.”[p. 230]

“A identidade social no Brasil é definida a partir da relação do indivíduo com alguma coisa – seja uma pessoa, uma instituição, uma atividade, ou mesmo um objeto.”<sup>415</sup>

Por exemplo, nos EUA, pode-se viver sem relações sociais, mas nunca sem seu *social security number* – que, como vimos, não consta dados da filiação dos portadores (bem como nos outros principais documentos de identidade). Em nossa sociedade, por outro lado, há milhões que vivem sem número do INSS, mas poucos não têm seus laços sociais. A carteira de identidade é o documento fundamental por aqui. Ela traz a filiação, data e local de nascimento – dados suficientes para identificar o “indivíduo” –, e daí, quem tem relações “poderosas”, pode passar de “simples cidadão” a alguém que é “realmente alguém”.<sup>416</sup>

“Realmente, enquanto as sociedades que passaram pela revolução individualista instituíram um código de conduta hegemônico, fundada na idéia de cidadão, as sociedades relacionais têm muitos códigos de comportamento operando simultaneamente. Só que eles não estão competindo, mas são complementares entre si. Assim, aquilo que um nega, o outro pode facultar.”<sup>417</sup>

É interessante assinalar também que os nossos “heróis” que emergem desse contexto a partir de uma literatura (tanto “oficial” quanto “não oficial”), diferentemente por exemplo daqueles apontados anteriormente no caso norte-americano, retratam muito bem essa “dicotomia”, esse dilema. Basta ver Macunaíma – o herói sem nenhum caráter –, Pedro Malasartes, o Jeca Tatu, Saci Pererê, Augusto Matraga, Riobaldo, dentre outros, vários outros, que espelham sobremaneira essa realidade dicotômica: alguns são sombrios, ambíguos, fatalistas, outros dengosos, safados, mas todos, sem

---

<sup>415</sup> – DA MATTA, Roberto, *A CASA E A RUA*, op. cit., p. 91.

<sup>416</sup> – A carteira de trabalho (CTPS) também pode ser considerada como “documento de identidade” mas, esta traz uma diferenciação de ordem moral, como já vimos também, ao diferenciar o portador – trabalhador – do *vagabundo*.

<sup>417</sup> – DA MATTA, Roberto, *A CASA E A RUA*, op. cit., p. 89.

exceção, guardam uma parcela dessa *brasilidade* apontada e marcam nossas diferenças<sup>418</sup>.

Por fim, nessa “peculiaridade” brasileira – de que as pessoas são iguais perante a lei, mas não o são na realidade –, a concepção de desempenho é a de que sempre esperamos que nossas produções individuais sejam avaliadas no contexto em que produzimos e atuamos. Nesse sentido, as produções individuais tornam-se incomparáveis entre si, e a competição se torna um mecanismo social negativo pois as pessoas estarão sempre competindo em desigualdade de condições.

Num universo como esse, a luta pelo reconhecimento institucional do mérito individual é dificultosa e extremamente polêmica: quem clama, explicitamente, pelo reconhecimento público de suas produções individuais é visto de forma bastante negativa. E a concessão de vantagens e privilégios como forma de reconhecimento de um desempenho excepcional é bastante conflituosa, basta ver, como um exemplo emblemático o “caso” Romário nos vários clubes que por aqui tem passado (sem falar na recente seleção brasileira de futebol em que ele, por isso, foi ausência sentida).<sup>419</sup> Constata-se que “*no Brasil, desempenho não se avalia, se justifica.*”!<sup>420</sup>

---

<sup>418</sup> – Até a literatura mais “recente” marca essa diferença, basta ver Belini o detetive sombrio de Tony Belloto em “Belini e a Esfinge” bem como o detetive Nelsinho – o “vampiro de Curitiba” –, personagem recorrente nas obras de Dalton Trevisan. Não guardam nenhuma similitude com os heróis norte-americanos: não são *regular guy*, muito menos *self-made-man*.

<sup>419</sup> – Livia Barbosa, seguindo a “trilha” de Roberto DaMatta, de forma bastante interessante, traz o caso do jogador Romário como argumento para esse assunto tão polêmico por aqui. Para Romário o que lhe interessa é “fazer gols” (treinando ou não, frequentando boites ou não): a prova cabal de seu excepcional desempenho. Sua vida privada portanto não deve (ou não deveria) influenciar em seus “prêmios” (não treinar junto com o grupo, etc.). Mas como ele “insiste” num tratamento diferenciado como “prêmio”, é visto como “elemento desagregador”, “não profissional”. In BARBOSA, Livia, *IGUALDADE E MERITOCRACIA. A ÉTICA DO DESEMPENHO NAS SOCIEDADES MODERNAS*, op. cit., pp: 73/74.

<sup>420</sup> – BARBOSA, Livia, *IGUALDADE E MERITOCRACIA. A ÉTICA DO DESEMPENHO NAS SOCIEDADES MODERNAS*, op. cit., p. 70. Esse fato é que fazem suscitar perguntas, tão comuns, como: “por que ele e não eu?” “o que ele tem que eu não tenho?”. E por outro lado, um dado recente e extremamente interessante

O individualismo brasileiro emerge como um esforço negativo contra essas leis e normas que emanam da totalidade. Uma maneira de burlá-las. Ao contrário dos EUA, por exemplo, onde, como vimos, o individualismo é a base sob a qual as leis se fundamentam. O “individualismo” brasileiro se afirma então como uma reação às leis do Estado colonizador, acopladas numa sociedade dicotômica (personalista-individualista).<sup>421</sup>

E essa “atualização peculiar” do individualismo brasileiro – que acasala por meio de uma aliança a nossa vertente igualitária “moderna” com o nosso viés hierárquico baseado em “velhos” privilégios de família, senioridade, compadrio e amizade – que se expressa, na nossa prática social, numa complexa relação existente no nível de nossas representações como “jeitinho”, “malandragem” e *quejandos*<sup>422</sup> – numa “adaptabilidade *cordialmente* acomodativa” que tem sua “gênese”, como apontada anteriormente, também na “plasticidade” da religiosidade católica. E aí, o “jeitinho” e a malandragem, é a maneira de “driblar” as normas convencionais para tirar proveito próprio no sentido da sobrevivência: *suprir as necessidades*. E é “aqui” que o *virador* ganha corpo e forma.

---

que confirma tal assertiva. Conforme o jornal “O Globo” de 12/04/2003 [p. 44], o jogador Romário que havia sido contratado “a peso de ouro” pelo rico time árabe Al Saad do Qatar, foi dispensado devido a seu baixo desempenho – não fez um único gol sequer – e não vai mais atuar por aquela equipe. Ele, Romário (tão incompreendido por aqui), justificou, segundo o mesmo jornal, “responsabilizando o técnico – “*ele não me escala*” – e à falta de sorte”.

<sup>421</sup> – DA MATTA, Roberto, *A CASA E A RUA*, op. cit.; BARBOSA, Livia, *IGUALDADE E MERITOCRACIA. A ÉTICA DO DESEMPENHO NAS SOCIEDADES MODERNAS*, op. cit.

<sup>422</sup> – DAMATTA, Roberto, *CARNAVAIS, MALANDROS E HERÓIS – PARA UMA SOCIOLOGIA DO DILEMA BRASILEIRO*, op. cit.; BARBOSA, Livia, *O JEITINHO BRASILEIRO – A ARTE DE SER MAIS IGUAL QUE OS OUTROS*, Editora Campus, Rio de Janeiro, 1992. Um traço interessante dessa peculiaridade se expressa na tranquilidade, na “naturalidade” e até um certo prazer em “driblar” normas explicitado por exemplo na paixão pelo futebol: nada melhor que vencer o time rival do que por 1 x 0, gol de mão, aos 47 minutos do segundo tempo e, em impedimento. É o máximo! Ou a história do célebre “ladrilheiro” que, numa final de um campeonato carioca entre Flamengo e Vasco, entrou em campo para atrasar o jogo. O jogo foi “atrasado”, o Flamengo campeão, e esse cidadão tornou-se um verdadeiro “herói” para a imensa torcida flamenguista, até hoje. Todos esses fatos, certamente, seriam inconcebíveis numa ambiência “racional”.

